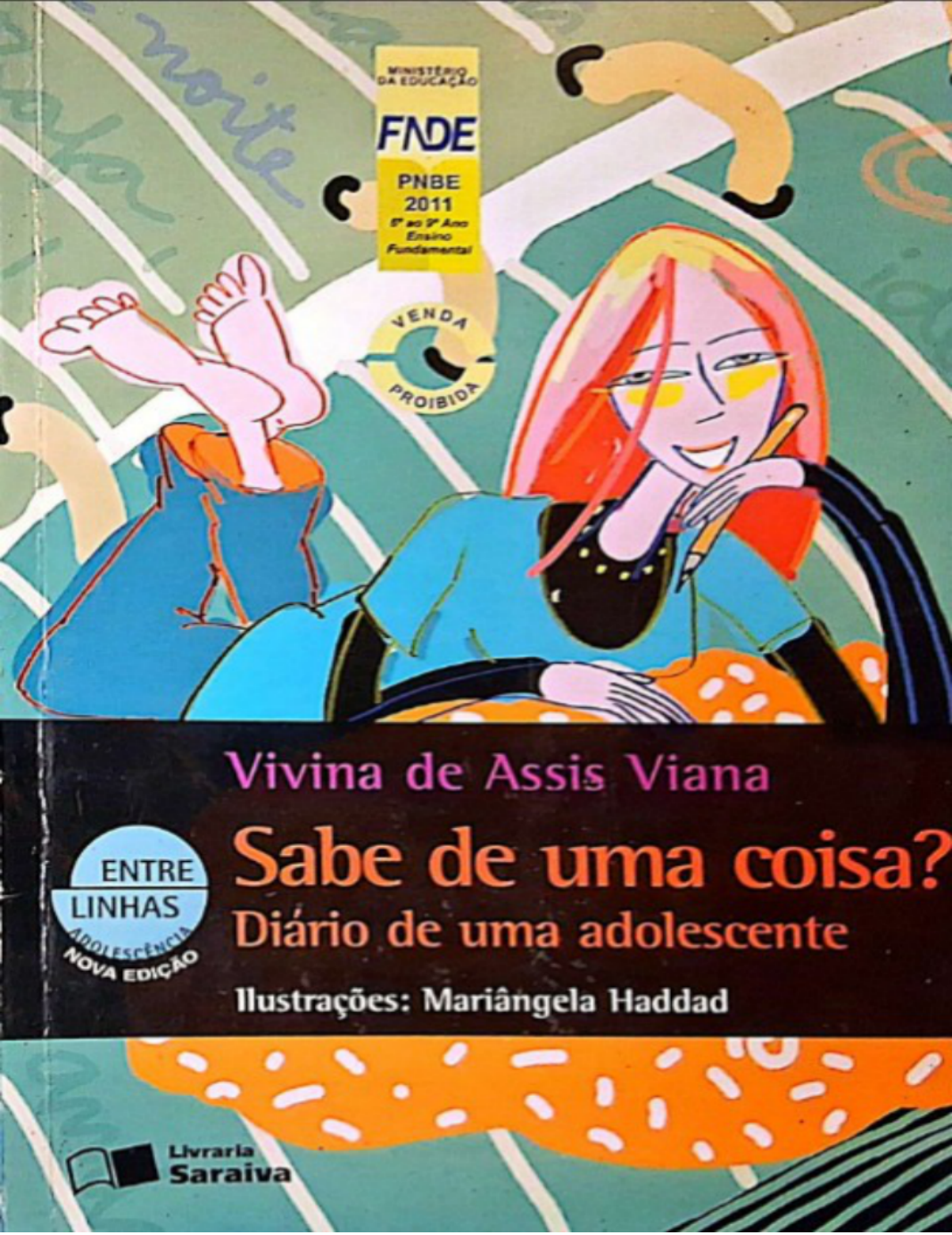


Vivina de Assis Viana

Sabe de uma coisa?

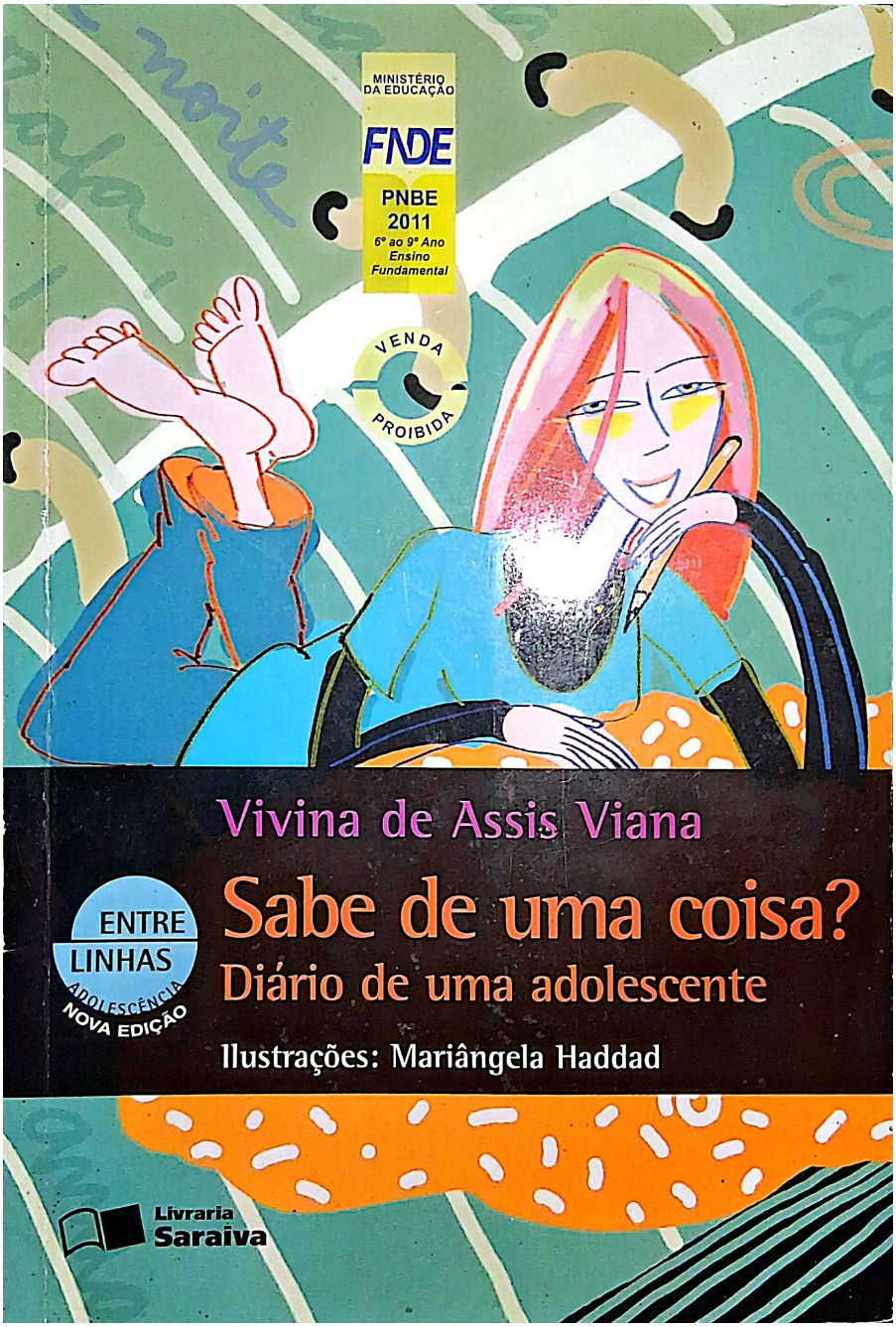
Diário de uma adolescente

Ilustrações: Mariângela Haddad

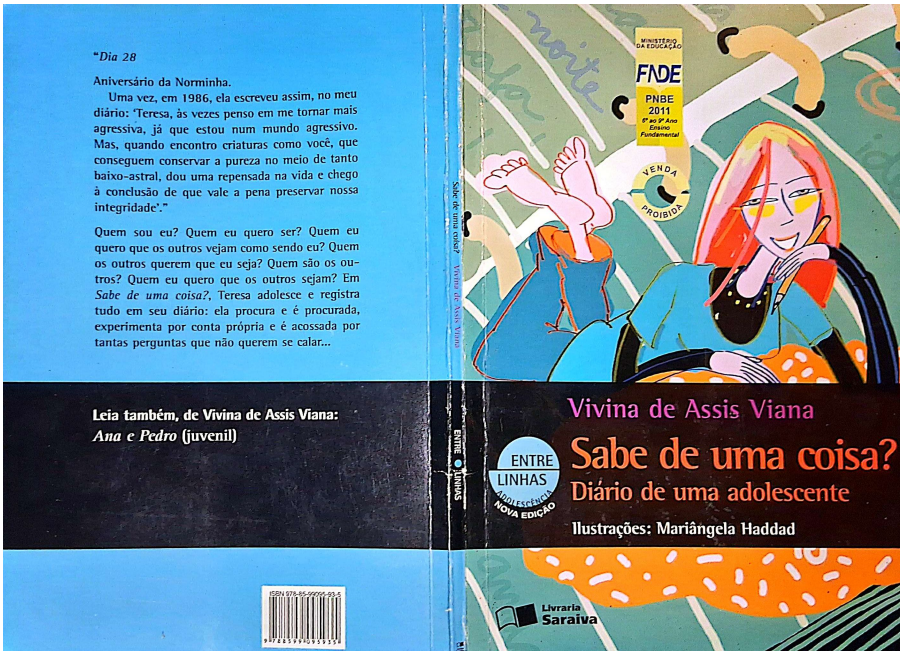
ENTRE LINHAS
ADOLESCÊNCIA
NOVA EDIÇÃO

Livraria Saraiva

Digitalizado com CamScanner



Digitalizado com CamScanner



Digitalizado com CamScanner

A Autora

Nome completo
Vivina de Assis Viana

Local e data de nascimento
Morro do Ferro (MG), 4 de junho de 1940

Cidade em que reside
São Paulo

Estado civil
Casada

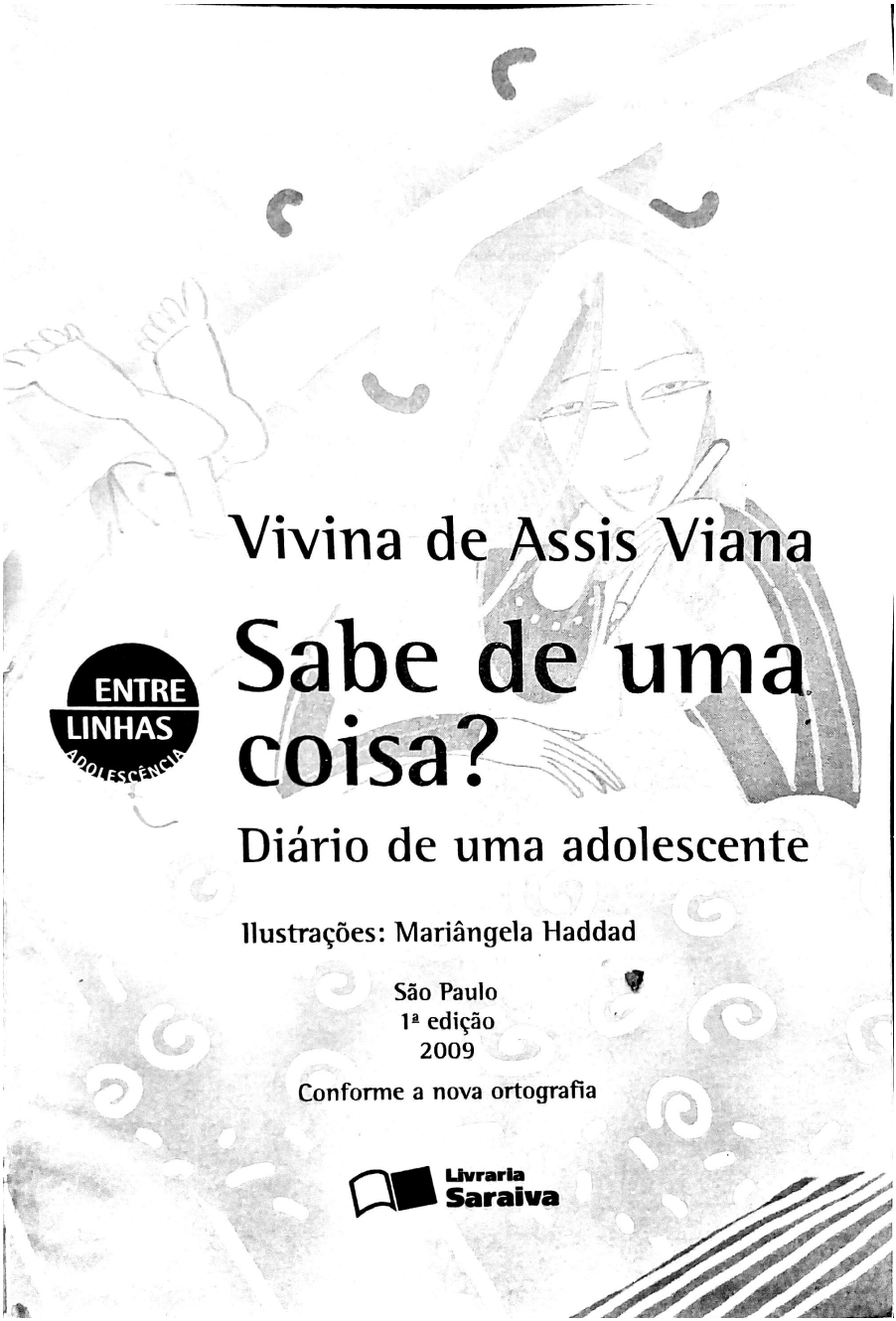
Filhos
Mariana, Bernardo e Fabiano

Profissão
Escritora

Formação acadêmica
Licenciatura em Letras Neolatinas

Livros publicados
20

Digitalizado com CamScanner



Vivina de Assis Viana

Sabe de uma coisa?

Diário de uma adolescente

ENTRE LINHAS ADOLESCÊNCIA

Ilustrações: Mariângela Haddad

São Paulo
1ª edição
2009

Conforme a nova ortografia

Livraria Saraiva

Digitalizado com CamScanner

Série Entre Linhas

Editor • Henrique Félix
Assistente editorial • Jacqueline F. de Barros
Revisão de texto • Pedro Cunha Jr. e Lilian Semenichin (coords.)/Célia Camargo/
Renato Colombo Jr./Elza Gasparotto/Debora Missias

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa
Supervisão de arte • José Maria de Oliveira
Diagramação • Setsumi Sinzato
Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design
Coordenação eletrônica • Silvia Regina E. Almeida

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Viana, Vivina de Assis
Sabe de uma coisa? : diário de uma adolescente / Vivina de Assis Viana ; ilustrações Mariângela Haddad. – São Paulo : Livraria Saraiva, 2009. – (Entre linhas)

ISBN 978-85-99095-93-5

1. Literatura infantojuvenil I. Haddad, Mariângela. II. Título. III. Série.

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

© Vivina de Assis Viana, 1989.
Copyright desta edição:

Saraiva e Siciliano S.A.
Rua Henrique Schaumann, 270 – Pinheiros
05413-010 – São Paulo – SP
PABX: (0xx11) 3613-0000

Todos os direitos reservados

Impressão e Acabamento: Prol Editora Gráfica.

Digitalizado com CamScanner

Para Sonia Junqueira,
que se diverte com diários.

Digitalizado com CamScanner

Primeiro de janeiro de 1988, meio-dia

Estou acordada há muito tempo. Fiquei quieta, aqui no quarto, esperando o tempo passar. Querendo começar este diário no maior capricho, mas não a qualquer hora. Só agora, neste minuto, segundo. Dizem que nascer ao meio-dia dá sorte.

Dois de janeiro de 1988

À meia-noite também, espero. Não é nessa hora que nascem os anos?

Três de janeiro de 1988

Tomara que sobre um pouco de sorte pra turma das nove horas da manhã. Tenho sonhos sobrando: dias claros, céu azul, roupas transadas, aulas também, mesada nem se fala, vida mansa, sombra, água fresca, país nos eixos, governo competente no poder. E ele.

Quatro de janeiro, 1988, onze da noite

Logo hoje, dia de dois aniversários (Henrique e Caco), o Brasil ficou sem Henfil. Eu gostava dele. Nem parecia um cara de

Digitalizado com CamScanner

mais de quarenta anos. Parecia um colega meu, um pouco mais velho. Dezoito, dezenove.

Os irmãos dele também vão morrer. Não sei direito a cara que eles têm, não reparei. Não deu tempo, a televisão mostrou muito depressa. Um deles estava numa cadeira de rodas.

Hemofílico, o Henfil, cartunista genial, recebeu sangue contaminado. AIDS.

Cinco de janeiro, 1988, de manhã

A morte do Henfil me tirou do ar. Fiquei com a maior raiva, por causa dele, e com o maior medo, por causa de mim e das outras pessoas. Ninguém quer morrer assim, sem mais nem menos.

Eu quero mais que viver. Quero dormir e acordar junto. O ano passado, no fim das férias, quase aconteceu. Na hora, tive medo. Não de AIDS, nem estava me lembrando. Medo não sei direito de quê.

Seis de janeiro de 1988

Aniversário em dose dupla: Lourdinha e Sabina.

Deve ser bom nascer em janeiro. A gente garante as comemorações antes que o ano complique. Sempre complica. Tanta enchente, queda de avião, troca de ministro. O astral vai baixando. Agosto? Bom nem pensar. A gente resiste, de pura teimosia.

A Lourdinha vai receber um telegrama assim: "Parabéns. Principalmente por ter nascido em janeiro".

A Sabina também. Não faço questão nenhuma de ser original.

Digitalizado com CamScanner

Oito de janeiro de 1988

Passei o dia telefonando, hoje. Ou melhor, tentando. Maior chatura. Não encontrei ninguém nesta cidade. Tudo vazio, todo mundo viajando.

Dez de janeiro de 1988

Saudade do Sérgio. Assim, de longe, fico imaginando que seria bom conversar com ele sobre minhas dúvidas e incertezas. Com o Sérgio dá pra falar sobre qualquer assunto. Tomara que ele volte logo, logo.

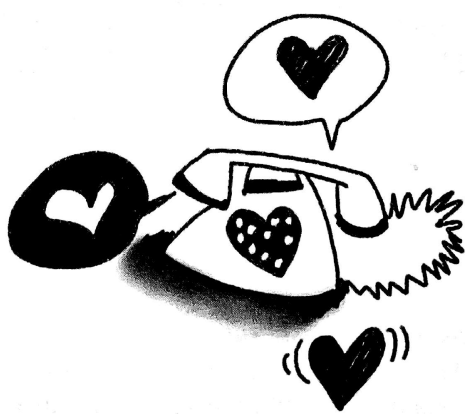
Quinze de janeiro de 1988

Até que enfim, sinal de vida na cidade. A Mônica chegou. Ficamos conversando horas e horas. Impossível imaginar a vida sem telefone.

Amanhã, ela vem dormir aqui. Ainda bem que existe bicama.

Dezoito de janeiro de 1988

A Mônica ligou, me convidou pra dormir lá, adorei. Ando cansada da minha casa, do meu quarto, da minha cama. Vou levar as fitas do Sting. Já pensou? A gente dorme ouvindo, ouvindo.



Digitalizado com CamScanner

Dezenove de janeiro de 1988

Aniversário da Deca, que tem um apelido legal. Acho que todo mundo devia ter apelido. Já pensou? Christian vira Chris, Letícia vira Leca, Marco Antônio vira Tonho, José vira Juca, Zeca ou Zé, Josefina vira Zefa, Ricardo vira Caco, Alexandre vira Xuim. Milhões de vezes mais legal.

Vinte e sete de janeiro de 1988

Mês quase acabando. A gente espera tanto pelas férias. Nem de longe imagina que virem essa chatura. Minha tia diz que isso é falta do que fazer. Bem que eu tenho o que fazer, mas falta gente.

Vinte e oito de janeiro de 1988

Se existe uma coisa que posso fazer sozinha é pensar. Penso sem parar. Nele, em mim, no amor quase acontecendo, lá na praia. Ele tá tão longe, agora. Quando será a próxima vez? Será que vou ter de esperar as férias, de novo?

Último dia de janeiro, finalmente!

Preguiça total.

●

Primeiro dia de fevereiro de 1988

Maravilha! O mês começando com festa! Aniversário das gêmeas da minha turma. Cristina e Cláudia. A cara uma da ou-

Digitalizado com CamScanner

tra. No colégio, todo mundo confunde. Só o Júlio, namorado da Cristina, nunca erra. Paixão é paixão. A Cláudia e eu andamos sonhando com uma assim.

Quatro de fevereiro de 1988

Estou ouvindo o Sting e me lembrando do dia em que fui no *show* dele, ano passado. Fiquei arrepiada. É o cara mais lindo do mundo, a voz é maravilhosa, os olhos nunca vi nada igual, nem vou ver, enquanto viver. A mulher dele também é bonita, droga!

Oito de fevereiro de 1988

Aniversário da Dinah, professora de Matemática. Ela também me deixa arrepiada, de puro horror. Não sei como pode saber tanta coisa complicada, chata e inútil. Parece gente de outro planeta. Ainda bem que existe arrepio pra desabafar.

Doze de fevereiro de 1988, à noite

Queria que meu irmão me levasse na festa de aniversário da Raquel. Foi se encontrar com a chata da namorada. Irmão mais velho só serve pra isso. Queria ter nascido primeiro, fazer e acontecer. Ele faz e acontece, sem hora pra sair nem pra chegar. Não vejo a hora de fazer dezoito anos.

Treze de fevereiro de 1988

Encontrei a Loló saindo do cinema com o namorado. Estavam comemorando o aniversário dela. Dá até vontade de arranjar outro namorado! O meu mora longe demais. Nem adianta a gente fazer aniversário. . .

Quinze de fevereiro de 1988

Gosto de ler Agatha Christie, Manuel Bandeira e todas as revistas em quadrinhos.

Digitalizado com CamScanner

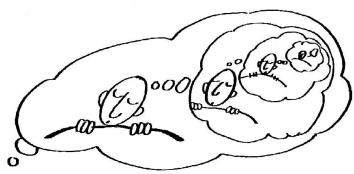
Do Manuel Bandeira, eu gosto de um poema que fala em sonho. Minha mãe não conhece. Ela conhece outro Manuel Bandeira, o das "Cartas de meu avô". Aqui em casa, um disco, gravado pelo Paulo Autran, aquele cara das novelas, repete sempre:

"E enquanto anoitece, vou
Lendo, sossegado e só,
As cartas que meu avô
Escreveu à minha avó".

Não acho a mínima graça. Amor antigo? Bobagem. Amor é agora.

O poema do sonho, meu preferido, tem um título meio esquisito: "Tema e variações". Sei inteirinho de cor. O começo é assim:

"Sonhei ter sonhado
que havia sonhado".



O meio eu não conto, nem o fim. Gosto de guardar comigo os segredos que Manuel Bandeira publicou.

Dezesseis de fevereiro do mesmo ano. Já estou cansada de escrever 1988.

Acho que vou parar com isso.

Tive a primeira aula de História. Professora bem melhor que a do ano passado, o que não é nenhuma vantagem.

Ano passado houve até briga aqui em casa. Em vez de brigarem com a professora, meu pai e minha mãe brigaram comigo.

Um dia, na hora do almoço, perguntei aos dois quem tinha razão, Reagan ou Kadhafi. Minha mãe, em vez de responder, perguntou se um dos dois, forçosamente (ela gosta de falar

FORÇOSAMENTE !!!

Digitalizado com CamScanner

assim), tinha de ter razão. Eu disse que a professora ia fazer um debate. Uma turma defenderia o Reagan. Outra, o Kadhafi. Aí, meu pai falou: "Absurdo, essa professora é maniqueísta". Eu disse: "Não tenho nada com isso. Além do mais, nunca soube, não sei, nem quero saber o que é maniqueísta". Minha mãe disse que o colégio não deixa a gente decidir, pensar, questionar. "Isso é ditatorial", ela disse. "Parece coisa de quando eu era estudante", insistiu.

Não sei se ela tem razão. Só sei que, naquele tempo, não existia nem Reagan nem Kadhafi. Aliás, Reagan existia. Ator de cinema. Bangue-bangue, eu acho.

17 de fevereiro. Não quero mais escrever 1988.

Nem vi direito a cara do cara. Eu estava na esquina, esperando a Mônica. Ele passou depressa. Só ficou o susto. E a dor. Meu braço ficou vermelho. O braço todo, não. O pulso e a mão. Só os lugares que as unhas dele arranharam. Senti tudo doendo, ardendo. Mais ardendo que doendo.

Nem esperei mais a Mônica. Fiquei um minuto ali, ou segundo, sei lá. Aí chegou o outro. Perguntou se eu tinha sido assaltada, se precisava de alguma coisa. Quando comecei a responder, mostrando o braço sem o relógio, ele me disse um palavrão. Me xingou. "Filha da puta", falou. Mostrou um canivete: "Vai embora, se não quiser morrer aqui".

Na esquina ensolarada, mochila nas costas, pulso e mão ardendo, o colégio a uns quatrocentos metros, a Mônica a não sei quantos, mil, dois mil, um milhão, dei meia-volta.

Na banca de jornais, um cara com jeito de avô me perguntou se eu tinha sido assaltada, se precisava de alguma coisa. Qual era minha idade. "Dezesseis", falei. "Você

Digitalizado com CamScanner

mora onde?" "Ali", falei. "Quer que te leve até lá?" "Quero", falei. Me levou, me olhou entrar no prédio. Toquei a campainha, voei pro meu quarto e chorei.

18 de fevereiro

Fiquei em casa, morrendo de medo.

20 de fevereiro

Aniversário do Rô. Vou na casa dele. Sem relógio. Isto é, se eu tivesse.

Fevereiro, qualquer dia. Estou cansada de escrever os dias.

Minha mãe também faz diário. Acho que ela não tem idade pra isso, nem pra ficar de conversa fiada no telefone. Ela fica. Meia-noite, uma hora da madrugada. Além de nós, tem mais gente que não dorme nesta cidade.

Outro dia, uma amiga dela ligou – meia-noite e meia – perguntando a letra da *Garota de Ipanema*. Na véspera, minha mãe tinha lhe perguntado, mais ou menos no mesmo horário, o nome do último livro do Gabeira.

A amiga da minha mãe está escrevendo um livro, queria citar a música, isto é, a letra do Vinicius, e não se lembrava. Também, pudera. Coisa mais antiga, igual às cartas do avô do Manuel Bandeira.

Não entendi direito o que minha mãe queria com os livros do Gabeira. A conversa foi me cansando e eu pensei: "Vou dormir, é muito melhor". Foi mesmo. Sonhei. Não conto com quem. Segredo maior que o do poema do Manuel Bandeira. Não conto nem o princípio.

Fevereiro!!!

Ai! Este mês tá parecendo um pesadelo... Nunca mais acaba... Estou cansada de escrever o nome dele. Os meses bem que podiam ter nomes mais bonitos. Mais transados. Mudando de

Digitalizado com CamScanner

ano pra ano. Num ano, nomes de sentimentos: Saudade, Amizade, Ternura, Carinho, Amor, Paixão, Solidão, não me lembro mais. No outro, nomes de coisas que a gente procura ou deseja: Mudança, Destino, Conquista, Encontro, Acaso, Sonho, Correspondência, Liberdade, Igualdade, Fraternidade (epa! Revolução Francesa no meu diário?), sei lá o que mais.

Já pensou? Nascer no mês do Encontro, escrever no da Saudade, receber aquele telefonema no da Solidão? E casar? Quando?

Sonhar pode, não pode?

Mesmo dia, à noite

E se um espírito de porco resolvesse apelar para o negativo? Violência, Raiva, Horror, Terror, Pavor, Tortura, Pesadelo, Ódio, Angústia, Injustiça, Miséria, Desolação, Destruição, Prisão, Perseguição, Inflação?

Deus me livre! Pior que isso, só Insônia. Dizem que é terrível.

Os diários da minha mãe ficam na estante do escritório. Quem quiser, pode ler. De vez em quando, eu leio.

Eles existem desde 1968: greves de estudantes na PUC e no mundo, mudança de uma cidade pra outra, mudanças na mesma cidade, procura de emprego, terroristas matando, morrendo, generais entrando, saindo, meu avô tendo derrame cerebral, correrias com meu irmão ao médico por causa da primeira febre, minhas febres já resolvidas sem correrias, problemas de dinheiro, escolhas de escolas, crises existenciais, inflação, Simonsen, Delfim, Funaro (os dois últimos, eu conheço), um cara – Marighela – morto aqui na nossa rua. Ela

Digitalizado com CamScanner

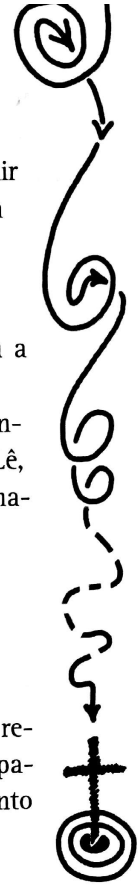
só escreveu assim: *"Mataram o Marighela ontem, na Alameda Casa Branca".*

Num outro dia, alguns anos depois, missa pelo Wladimir Herzog, jornalista morto na prisão, aqui em Sampa. Ela colou a foto do povo na missa. Uma multidão.

Finzinho de fevereiro, vinte e oito

Preciso colar uma foto do Sting neste diário. Sem a mulher, claro.

P.S. Aniversário da Andrea (assim mesmo, sem acento). Ela tem mania de colecionar as redações da gente. Lê, relê, pensa, repensa e guarda tudo em uma pasta chamada "Viagem de Letras". Eu, hein?



Primeiro de março

Fiquei a tarde inteira tentando escrever. Não uma redação, uma carta. Quando chegava naquele assunto, parecia que tinha alguém me vigiando. Nunca rasguei tanto papel. E a saudade junto, torturando.

Principinho de março

Parece que vou votar, oba! Até que enfim os constituintes fizeram alguma coisa que valesse a pena. Se a gente pode, aos 16 anos, estudar, namorar, trabalhar, sofrer, chorar, ser assaltado, morrer de AIDS, por que é que não pode votar?

Só espero que não me aconteça o que aconteceu com meu pai. Ele tem 46 anos e nunca votou pra presidente. E o pior é que presidente o país sempre teve. O que estava em falta era eleição.

Março, outra vez

Minha mãe é professora na PUC. Ela jura que vai votar direito, no melhor candidato. Disse que é pra se reabilitar. Há

Digitalizado com CamScanner

vinte e oito anos, em 1960, votou no Jânio pra presidente. Credo!

Minha mãe tem 48 anos. Acabei aprendendo: nessa maravilha que é o Brasil, só quem tem 48 anos – ou mais – já teve a felicidade de votar pra presidente.

O voto da minha mãe foi uma infelicidade.

Outro dia de março

Meu pai sai de manhã, volta à noite, às vezes telefona durante o dia. Também já deu aula na PUC. Eu achava bem legal dizer: meus pais (expressão mais careta, igual "minha esposa", horrível) trabalham na PUC.

Agora ele trabalha numa agência de publicidade. Departamento de Criação. Coitado. Condenado a ter boas ideias.

Quando meu irmão era pequeno, queria ser vendedor de pipoca. Só que precisava de outro irmão, pra ajudar a empurrar o carrinho e fazer o troco. Em vez do irmão, nasci eu. Ele foi forçado a ter outras ideias. Atualmente, quer ser jornalista. Repórter. Credo! Ficar perguntando o que os outros não querem responder.

Já sei o que vou ser, mas é segredo. Não gosto de ficar contando minhas coisas. Nem as do Manuel Bandeira.

Março; dia seis

Aniversário do avô do Fabiano, meu colega no curso de natação. A gente sempre sai junto da escola, a pé. Hoje, não deu. O pai dele foi buscá-lo, apressado. Iam jantar com o avô. "Pouca gente tem um avô como o meu", ele disse. Ainda que não soubesse direito o que ele queria dizer com essa frase, tive uma ponta de inveja. Deve ser bom ter um avô assim, perto, na mesma cidade.

No dia 3 foi aniversário da Márcia. Bem que eu lembrei, mas estava com sono e acabei dormindo sem escrever nada aqui

Digitalizado com CamScanner

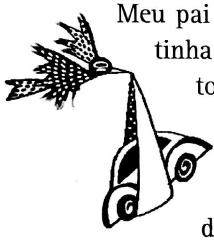
nesse meu querido e amado diário. Tinha ido ao cinema com meu pai, o trânsito complicou, a gente atrasou, essas coisas que todo mundo está cansado de saber.

Quinze de março de 1988

Li no diário da minha mãe: *"Chico Mário morreu ontem".*

Aquele irmão do Henfil que estava na cadeira de rodas, no velório dele. Transfusão de sangue contaminado. Meu pai diz que isso é assassinato. Acho que ele tem razão. Dos três irmãos, sobrou o Betinho. Também está sendo assassinado.

Dezesseis de março de 1988



Meu pai telefonou querendo lembrar em que época tinha comprado um fusca que, mais tarde, capotou por aí. Minha mãe disse: "Me dá uma meia hora".

Remexeu nos diários, vinte, um pra cada ano, discou o telefone: "Dia 25 de agosto de 1976".

Estava lá: *"O carro chegou hoje. Branco, novinho. Morreu o Juscelino. Haverá serenata em Diamantina?".*

Minha mãe é um mistério.

Dia 23

Dois aniversários: da Ana Maria, que entende de mapas, e do Denílson, filho da Mércia, que entende de conversa fiada.

Minha mãe diz que, se não desse aulas de Filosofia, só ia mexer com mapas. "Viajar neles", diz.

A gente viaja em mapa?

Março, 26

Dia de telefonar pro Tales. Dia não, noite. Quem manda ter mesada curta? Ele vai comemorar o aniversário com o pessoal da escola. Piscina, sol, churrasco, música, só coisa boa. Pena eu morar tão longe.

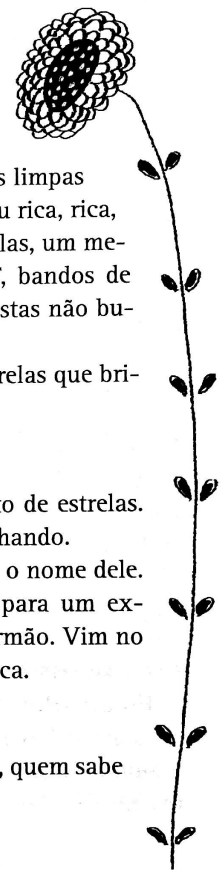
Digitalizado com CamScanner

Dia 28

Aniversário da Norminha.

Uma vez, em 1986, ela escreveu assim, no meu diário: "Teresa, às vezes penso em me tornar mais agressiva, já que estou num mundo agressivo. Mas, quando encontro criaturas como você, que conseguem conservar a pureza no meio de tanto baixo-astral, dou uma repensada na vida e chego à conclusão de que vale a pena preservar nossa integridade".

O diário, supervelho, joguei fora. A página, superbonita, guardei bem guardada.



Primeiro de abril, de manhã

Vejo um girassol da minha janela, crianças limpas brincam de roda num terreno baldio – "eu sou rica, rica, rica" –, cavalos galopam livres de rédeas e selas, um menino voa na bicicleta como no filme do ET, bandos de andorinhas pousam nos fios elétricos, motoristas não buzinam, há um quase-silêncio nas ruas.

Olho o teto do meu quarto. Cheinho de estrelas que brilham à noite. Ao menos isso é verdade.

Primeiro de abril, à noite

A melhor coisa que fiz foi encher meu teto de estrelas. Apago a luz, fico olhando. É lindo. Tudo brilhando.

No quarto do meu irmão também tem. Até o nome dele. Pedro. Letras fosforescentes. Ideia razoável para um ex-vendedor de pipocas. Se ele tivesse tido um irmão. Vim no lugar, atrapalhei os planos. Pena. Adoro pipoca.

Quatro de abril

Data super-romântica! Se ele morasse aqui, quem sabe ia ser hoje?

Digitalizado com CamScanner

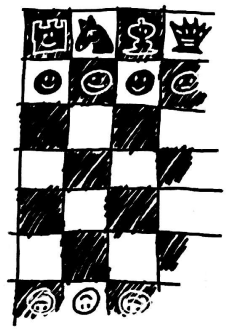
Seis de abril

Ando com uma ideia fixa: ou eu vou lá, ou ele vem cá, ou arranjo outro namorado. Não é tão difícil assim... Hoje, no aniversário da Paulinha, tinha um cara com os olhos grudados em mim. Meio baixinho pro meu gosto, pena.

Dia dez

Níver da Lourdinha, que tem mania de história. Estuda sem parar, com qualquer professor. Até com aquela biruta, que meu pai chamou de maniqueísta. Diz que vai ser professora. Na classe, olho pra ela e penso em mim: acho que não quero ser nada.

Dia treze



Walter, meu colega inteligente e distraído. Fica jogando xadrez durante as aulas, na maior. Cada hora um parceiro. Cuca, Tonho, Juca. Mulher não tem vez. Pena. Bem que eu queria. Deve ser ótimo ameaçar reis, rainhas, torres, bispos e cavalos. E os meninos, claro.

Dia quatorze de abril

Aniversário do Domingos. Cara legal, que ajuda a gente a viver. Sabe o que ele me disse? Que, quando a gente se amarra de verdade em alguém, não deve ficar vigiando, controlando, perguntando. "A gente só segura soltando", ele disse. Será mesmo?

Dia dezesseis

Hoje é o Ronaldo, mais um cara legal. Outro dia, perguntei a ele o que achava das ideias de Domingos, essas de segurar soltando. "Concordo com todas as letras, linhas e entrelinhas", ele disse.

Digitalizado com CamScanner

Por mais que eu tente, não consigo entender direito o que esses dois dizem.

Dezessete

Segurar soltando. Não consigo entender. Por exemplo: se um dia (ou noite) eu ficar com ele do jeito que ando querendo, será que vou estar segurando ou soltando?

Ah, vou acabar fundindo a cuca. Melhor telefonar pra Vevé, dar os parabéns, conversar. E fazer o mesmo amanhã, com a Milu. Bobagem ficar pensando em coisa que ainda não aconteceu.

Dezenove

Ah, hoje é a Sonia (assim mesmo, sem acento), a que conversa com as roupas. Cada manhã, abre o armário, escolhe a que vai usar, faz um carinho, conversa – "Hoje você vai passear comigo por lugares incríveis, o dia inteiro" –, consola as que vão ficar: "Outro dia eu levo vocês, tá legal? Nada como um dia depois do outro, um dia é da caça, outro do caçador, ninguém perde por esperar, água mole em pedra dura tanto bate até que fura, não há nada como o tempo para passar. É ou não é? Pois é. Tchauzinho".

Ah, hoje é também o Gabriel, o que sonha com as sextas-feiras. Cada manhã, abre os olhos, e nem precisa escolher os pensamentos: "Bem que hoje podia ser sexta-feira. Todo dia podia. Dia de ir. De viajar, à noite, depois do trabalho. Namorar, ser feliz. Voltar nunca mais. Já pensou, não existir nem um domingo, dia de vir? Nem meio, nem a metade de meio domingo?".

Dia vinte de abril

Bernardo, tão diferente do irmão, Walter. Não joga xadrez, não conversa durante as aulas. Copia tudo, ouve, pergunta. Às

Digitalizado com CamScanner

vezes, um risinho disfarçado, no canto da boca, conta que descobriu coisas além das evidências. Riso pra poucos. Quase ninguém percebe.

Dia vinte e um de abril

Tiradentes, quem é que não sabe?

Vinte e dois

O Sérgio me convidou pra um cinema e eu só não vou porque minha mesada, pra variar, tá atrasada.

Não aguento mais isso. Hoje, por exemplo, não vou poder comprar nada – nem um mapa! – pra Mariana, que só pensa em viagens. Chegar em festa sem levar presente?

Vinte e três

E hoje, como é que eu faço?

Só pedindo adiantamento. Preciso comprar uma coruja pra Tê (ela coleciona), um peso de papel pra Ione (ela gosta, não sei se coleciona) e um troço qualquer, bem bonito, pra Lola. Haja grana! Esse pessoal bem que podia ter nascido em dias diferentes.

Vinte e cinco

Esse meu querido e amado diário tá sentindo falta dos aniversários. Acontece que quase todos os nossos (meus e do diário, claro) amigos e parentes nasceram em abril. Quem sobrou, foi pro mês de outubro. Podemos nos preparar. Quando chegar lá, outra tonelada. Também, não sei por que essa mania de ficar registrando tudo quanto é aniversário. Acho que herdei isso da minha mãe. Coisa mais neurótica...

Vinte e seis

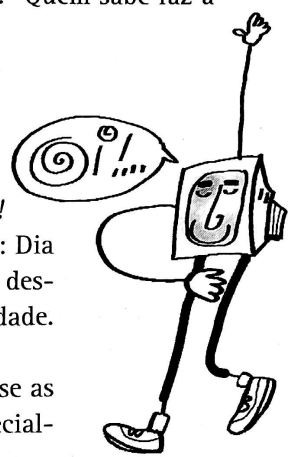
Estive pensando: eu fico aqui, registrando aniversário de todo mundo, como se não tivesse mais nada pra falar. "No fundo", como diz a Sonia, eu tô é fugindo. Se ninguém lê esse diário, eu tenho medo de quê? Preciso criar coragem e dizer

Digitalizado com CamScanner

minhas coisas pra mim. Se o assunto que anda me preocupando é sexo, por que não escrever aqui? Enquanto escrevo, converso comigo. "No fundo" (me ajuda, Sonia), o que eu tô querendo saber é se já é hora, se existe hora. Se tá cedo. Tarde eu sei que não...

Quando eu conversei com o Sérgio, ele me lembrou aquela música que a Simone cantou, tempos atrás: "Quem sabe faz a hora, não espera acontecer".

Mas e quem não sabe nada?



●

Primeiro de maio de 1988, isso é que é dia!

Maravilha! Mês começando quentíssimo: Dia do Trabalho. Meu pai me chamou pra ver o desfile da União Soviética. Valeu. Maior solenidade. Televisão é televisão.

Eu queria uma televisão que me mostrasse as pessoas que eu tenho vontade de ver. Especialmente uma.

Dia doze

Diário da minha mãe: *"Aniversário do Décio. E pensar que a Teresa, a mais nova, já tem 16 anos".*

Dia treze, bem cedo

– Mãe, quem é Décio?

– Você esqueceu? O ginecologista, o cara que te ajudou a nascer.

– O que que ele falou, na hora, hein, mãe?

– O óbvio. Disse que era uma menina.

– E com o Pedro, como é que foi?

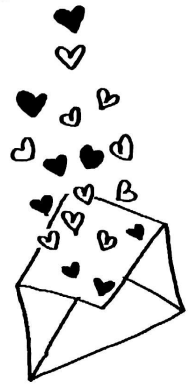
– Era um menino.

– Ah, mãe. Sabe de uma coisa? Óbvia é você.

Digitalizado com CamScanner

Dezessete de maio, oba, dia legal, hora do almoço, 1988

Recebi a carta que estava esperando. Ele também sonhou comigo. Contou o sonho inteirinho. Princípio, meio, fim. Li, reli, tornei a ler. Ele parece escritor. Fala de tudo com a maior tranquilidade. Até daquele nosso assunto. Disse que vai ser nas próximas férias. Aqui ou lá.



Dezoito de maio, oba, noite legal, hora de dormir, 1988

Minha carta seguiu com uma pétala de rosa vermelha dentro. Colei um selo bonito (detesto aqueles carimbos das máquinas do correio), caprichei na letra, dei um beijo demorado no envelope e corri na caixa de correio da esquina. Ainda ouvi o barulhinho que ela fez, caindo lá dentro.

Maio, 19

Estou adorando este mês. com sonhos e cartas. Só falta um telefonema. Um só. Bem que ele podia. Ouvir a voz dele, a mais de quinhentos quilômetros, ah, ia ser tão bom.

Se ele não telefonar, acabo telefonando. Não preciso falar muito. Só o tempo de ouvir, saber, imaginar. Saber se ele também sente saudade. Imaginar a casa dele, o quarto, o escritório. Não sei onde fica o telefone, lá. O daqui, na sala, é trágico, todo mundo escuta a conversa da gente.

Vou acabar telefonando. Não preciso falar muito. Só o tempo de dizer "um beijo", ouvir "outro" e desligar.

Vinte de maio

Ave, aleluia, como diz o Ronald. Aniversário de um mundo de gente. Parentes, amigos, benfeitores. Flavinha, Katusha, Abdo, Berê, Nando. Vai ver, ainda tem mais.

Digitalizado com CamScanner

Vinte de maio, numa tarde meio chata

Telefonei: fiquei ouvindo, sabendo, imaginando. Ele tem telefone no quarto. Cara folgado. Conversa deitado, sozinho. Portas trancadas. Morri de inveja. De raiva, também. Quando eu disse "um beijo", ele não disse "outro", como eu queria e esperava. Disse só "obrigado".

Desliguei. Nunca mais telefono.

Mesmo dia, numa noite meio besta

Nunca mando beijo pra ninguém no telefone, só pra ele. E o cretino *apenas* agradece...

Vinte e um de maio

Níver do Vítor, meu primo mineiro. Uma vez, a escola dele, lá em Bom Sucesso, apresentou uma peça de teatro: fazenda, mesa de café, toalha branca, biscoitos de polvilho, broa de milho. Sabe que tive inveja do Vítor? Com a cara melhor do mundo, a primeira coisa que ele fez, no palco, foi dar uma mordida na broa mais bonita que já vi. Espectador sofre!

Vinte e dois de maio

Aniversário do Bê. Em vez de telegrafar, telefonar (escrever, não escrevo mesmo), vou passar por lá e assistir um programa de televisão com ele. Nunca vi ninguém tão ligado em TV. Até propaganda eleitoral serve.

Vinte e quatro de maio

Ontem eu vi *Poltergeist*, meu filme preferido. Vi pela terceira ou quarta vez. Acabou de madrugada e eu tratei de dormir, pra não ter medo demais. A melhor coisa pra medo é sono.

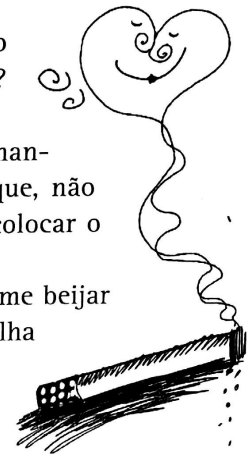
Meu irmão assistiu comigo. Minha mãe, não. Ela começa a ter medo antes. Não olha nem os anúncios. Fica horrorizada, quando a gente diz que já viu e quer ver de novo. Seu filme

Digitalizado com CamScanner

preferido é *Hiroshima, mon amour*. Tentei ver, uma vez só, no vídeo. Coisa mais chata, sem sentido. Vontade de sair correndo.

Já disse que minha mãe é um mistério? Pois é.

Vinte e cinco de maio

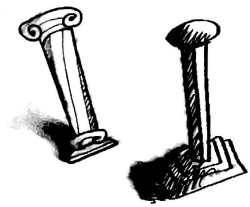


Continuando o papo de ontem: Gosto de *Poltergeist*, meu irmão também. Meu pai? *Casablanca*.

Não deixa de ser bonito. Fico me imaginando naquele papel, com aquele galã (chique, não é?). O jeito de olhar, segurar o cigarro, colocar o chapéu...

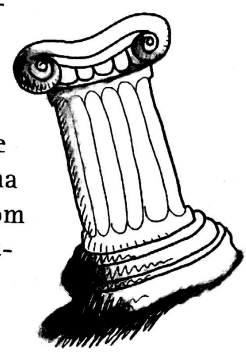
O cara que eu amo, e que se recusa a me beijar pelo telefone, não usa chapéu, claro. Mas olha com aquele olhar de Casablanca. E fuma. Pena que fume demais. Fica soltando a minha mão pra acender o cigarro.

Vinte e seis, quinta-feira, faz um frio de lascar



Aniversário do André. Vou pensar num telegrama bem transado. O Celo me ajuda. É bom nisso e conhece o André mais do que eu.

Maio, 1988. Dia vinte e sete



Hoje, na aula de História, viajei. A professora começou a falar sobre a Itália. Ruínas e cantinas. Eu me lembrei das músicas de lá. Deus me livre, odeio todas, só gosto de *rock*. Mas um dia, entre um cigarro e outro, na mão dele, e uma coca-cola e outra, na minha mão, o som da lanchonete berrou: *"Cara, te voglio tanto bene"*.

Digitalizado com CamScanner

Ele perguntou se eu sabia italiano. Eu não sabia. Me olhou bem dentro dos olhos e disse: "Se você soubesse, podia traduzir essa música".

– Um dia eu traduzo – prometi.

– Traduz agora – ele pediu.

– Agora?

– Se você não quer, deixa que eu traduzo. Não é preciso saber italiano pra te dizer: "Querida, te amo tanto!".

O beijo foi gostoso.

P.S. Será que vou ter de cantar em italiano no telefone?

Maio, vinte e oito (número bom de escrever)

Gosto dos números pares. Principalmente os terminados em quatro e em oito. O número um é um horror. Nem devia existir.

Mesmo dia, à noite

Fiquei pensando nessa história de números o dia inteiro. Se não existisse o número um, como é que ia ser com as coisas únicas? Mãe, por exemplo. Ou pai. Presidente da República. Prefeito, diretor, zelador. Tudo, no mínimo dois? Não acho uma boa ideia.

Dia vinte e nove de maio

Ia ser ótimo ter dois namorados. Não diferentes. Iguais. A mesma pessoa duas vezes. Podia estar lá, a quinhentos quilômetros, me escrevendo uma carta incrível, e aqui, pertinho, lendo junto comigo.

Ah, queria poder fazer essa mágica.

Trinta de maio

Diário da minha mãe: *"Aniversário da Niva, que não vejo há tanto tempo. Foi ela que me ensinou a fazer tricô".*

Nunca imaginei minha mãe fazendo tricô.

Digitalizado com CamScanner

Primeiro de junho

Adoro italiano! Olha o cartão que eu recebi. Florença. Lugar bom pra namorar. E olha só o que ele escreveu!

Dois de junho de 1988

Ontem fez um frio horroroso, hoje também. Participei da Campanha do Agasalho, no colégio. Saímos pelas ruas do bairro, num caminhão com alto-falante. As pessoas corriam para as janelas, jogavam roupas, cobertores. Uma blusa de lã ficou pendurada num galho de *flamboyant*.

Queria estar perto dele, bem quentinha. Bem quentinhos, dividindo o mesmo agasalho.

Três de junho

Minha turma vai fazer uma excursão no Paraná. Mais frio ainda. Sei lá se vou. Preguiça, desânimo, ah, nunca sei o que eu quero.

Mesmo dia, à noite

Briguei com minha mãe. Haja paciência. Na mesma hora, liguei pra Mônica avisando que vou à excursão. Assim, tiro férias da chata da minha mãe por uns dias.

Digitalizado com CamScanner

Quatro de junho, de manhã bem cedinho

Acabei de acordar. Aniversário de quem? Não consigo me lembrar. Ainda bem que não é da minha mãe. Se fosse, ia ter de fazer as pazes com ela, vexame total.

Logo hoje, sábado, perdi o sono. Levantei, dei uma volta pela casa, voltei pro meu quarto. Todo mundo dormindo. Portas fechadas. A casa assim, parada, parece outra. De outra família.

Fiquei pensando na excursão. Ontem, na hora da raiva, tinha certeza de que iria. *Should I stay or should I go?* (The Clash). Hoje, não sei direito. Só se brigar com minha mãe outra vez.

Não é fácil brigar com ela. Nem difícil. Basta, por exemplo, começar a perguntar demais.

Foi o que aconteceu ontem. Fui perguntar o que ela ia fazer à tarde, depois da última aula da PUC. Não sabia, ia pensar. Perguntei se ia ficar na faculdade. Não sabia. Encontrar alguém? Não sabia. Demorar? Não sabia. Sair à noite, com meu pai? Os dois sozinhos ou com algum amigo? Não sabia, não sabia.

Perdeu a paciência (isso ela sabe). Disse que eu tinha vocação para polícia, vigia, sei lá mais o quê. Cuidasse da minha vida, minhas coisas, minha turma.

Respondi no mesmo tom. Tinha culpa do seu mau humor, tinha?

– Não é mau humor. É cansaço – ela disse.

– E a culpa é minha?

– Não. É minha. Da vida, do trabalho, da rotina.

Minha mãe se fazendo de vítima é demais. Bati a porta com força e saí.

No elevador, um menininho chorava, deitado no chão e agarrado à perna da mãe. Ela me olhou e disse: "Eu queria que ele tivesse a sua idade. Deve ser uma tranquilidade".

Cinco de junho

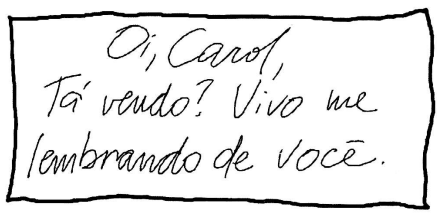
Diário da minha mãe, ontem: *"Briga com a Teresa por uma bobagem. Ela saiu, bateu a porta. Fui tomar banho. Lavar, refrescar a cabeça. Pra mim, é o melhor remédio.*

Digitalizado com CamScanner

P.S. Aniversário do sr. Adenor, do Laércio. Mortos, os dois".

Sabe de uma coisa? Minha mãe não sabe fazer diário. Coloca os aniversários no fim, vê se pode. Aniversário é coisa superimportante, a primeira do dia. Ainda bem que sou diferente dela.

Ah, tem mais: azar dela, que só tomou banho. Fui pra rua, comi pipoca, olhei vitrinas, vi gente de todo jeito, comprei um cartão incrível pra mandar pra Carol, lá em Belo Horizonte:



Prefiro os meus remédios. Mil vezes. Milhões de vezes.

Seis de junho

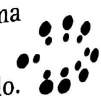
Dia de decidir sobre a excursão, no colégio: vou. Já tá passando da hora de conhecer o Paraná. Além disso, viajar com a turma é superlegal. A gente bagunça e apronta até não querer mais.

Outra coisa: se eu ficar aqui, vou fazer o quê, sozinha, cinco dias inteiros? Olhar pra cara da minha mãe?

Sete de junho

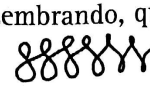
Preguiça. Em francês, *paresse*. E em italiano? Quem sabe? Estou a fim de aprender.

Oito, oito, oito (número bonito, parecendo relógio, bom de escrever e de ficar olhando)



Quando cheguei do colégio, nem acreditei. Duas cartas. Uma dele, outra da Carol. Pensei em telefonar pros dois, na mesma hora. Ele primeiro, claro.

Telefonei nada. Fiquei só pensando. Lembrando, querendo. Relendo. Morrendo de saudade.



Digitalizado com CamScanner

Dia nove

Saí com a Mônica. Ela foi comprar mala pra excursão. Vimos o primo dela, do terceiro ano, saindo do curso de inglês. Ele também vai, disse que o Paraná é um barato. Será?

Dez de junho

Aniversário da Maria Carmem, professora de Ciências e Geografia. Convidou a turma toda pra ir à casa dela, à noite. Até que podia ser legal. Os irmãos dela (dois) são supersimpáticos. Um mexe com fotografia, música, essas coisas. O outro é estagiário num jornal. Se der pé, eu vou.

Onze de junho

1) Não deu pé.

2) Tomara que chegue amanhã.

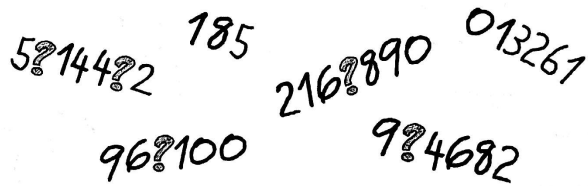
Doze de junho, seis horas da manhã

Dia dos Namorados. Nunca escrevi tão cedo.

Hoje eu telefono. Se ele não me mandar um beijo com voz terna e carinhosa, ligo pro primo da Mônica, aquele que gosta do Paraná.

P.S. Vi – e li – no diário da minha mãe: *"Aniversário do Alberto Mar Aberto, cara bonito, simpático e sumido, desses que costumam fazer sucesso com as mulheres. Suas casas, duas, têm nome: Refúgio e Refúgio II".*

Meu Deus! Quem será esse cara, mais misterioso que minha mãe?



Mesmo dia, quase meia-noite

Nunca mais quero saber de namorado em outra cidade. Nem que me mande mil beijos pelo telefone.

Digitalizado com CamScanner

Nas cartas, insinuações. Nos telefonemas, "muito obrigado". De amanhã não passa: peço à Mônica o telefone do primo.

Treze de junho

A Mônica me deu o número, mas cadê coragem? Falar de quê? Do Paraná? Conversa fiada. Manuel Bandeira? Vai achar que sou doida. Sting? Não sei se ele gosta. (Se não gostar, não quero nem conversa.) *Poltergeist*? Sei lá, não tem cara de quem curte. Inglês? Pode curtir demais. Agatha Christie? Preguiça. Constituinte? Inflação? Dólar? Vai me mandar conversar com a mãe dele. Ou o pai.

Ah, vou dormir. Amanhã, meu telefone continua no mesmo lugar. O dele também.

Quatorze de junho

O nome dele é Rafa. Rafael. Ah, não queria contar. Ou queria? Tô virando um mistério. Igual a minha mãe.

Quinze de junho, quarta-feira, seis horas da manhã

Entro no quarto da minha mãe, me despeço, meu pai pergunta se está tudo ok. Minha mãe fala pra eu me agasalhar. Ouço um "boa viagem" sonolento, respondo um "obrigada" em voz baixa e fecho a porta do quarto. Passo pela do meu irmão, só encostada. Volto pro meu quarto, escrevo esses troços. Acho que vou entrar no ônibus e dormir. Na mesma hora.

Quinze de junho, quase meia-noite

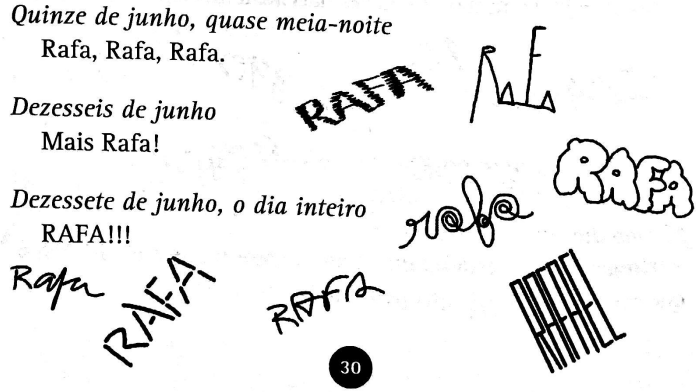
Rafa, Rafa, Rafa.

Dezesseis de junho

Mais Rafa!

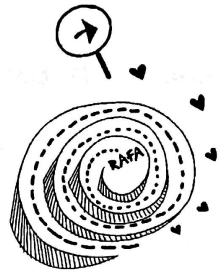
Dezessete de junho, o dia inteiro

RAFA!!!



Digitalizado com CamScanner

Dezoito de junho, dia e noite
Idem, idem, idem!!!



Dezenove de junho, cada minuto
De novo!!!

Dia vinte

Aniversário da Míriam. Nem sei como me lembrei, estou em outra rotação. Completamente fora de órbita. O da Teresa, dia dezesseis, passou longe, longe. A Teresa que me desculpe, mas o Rafa é fundamental.

Chegamos do Paraná de madrugada. Mais ou menos cinco horas. Cada qual tomou seu rumo. Entrei em casa, todo mundo dormindo. Tomei um banho, caí na cama. Quando ia pegar no sono, o telefone tocou. Voei pra sala. Ele falou só assim: "Finge que a gente ainda tá no ônibus".

Fingi.

Dia vinte e um
Preciso cair na realidade. Preciso?

Vinte e dois

Aula, de novo. Preguiça, chatura (a Fanny fala "chatice"). Só veio quem quis, por causa da viagem.

A sala dele é no andar de cima. Droga. Por que é que eu não sou do terceiro ano? Tenho de me contentar com a hora do recreio, dos intervalos. Quando eu não subo, ele desce. Qualquer dia cruzamos no meio da escada. Tomara.

Trinta de junho

Aniversário do Braga, pai da Isabella. Tem festa, mas ninguém me tira de casa hoje. Estou de astral baixíssimo. Fiquei sabendo: não sou a única. Existe mais alguém no pedaço. Vontade de sumir.

●

Digitalizado com CamScanner

Primeiro de julho, mas também podia ser qualquer dia, de qualquer mês

Não sinto nada começando, nem continuando. Com tanto cara no mundo, alguém vai querer logo o meu? Acabar com a minha alegria?

Cinco de julho

Aniversário da Delza, professora de francês lá da Aliança. Ontem ela deu uma aula superlegal. No fim, vimos um vídeo sobre Paris. Me senti como se estivesse passeando pelas margens do Sena.

Faltou o Rafa, que devia estar dentro da Torre Eiffel.

Faltou também o Galdino, um dos caras mais queridos da classe. Ele gosta de verde, vive dizendo. Um dia, fez uma pesquisa sem fim sobre essa cor. Origem, usos, significados, influências, tudo. Não era uma redação, mas a Andrea não perdoou: pasta "Viagem de Letras".

Seis de julho

A Carol chegou, viva! Contei tudo para ela. Cada minuto, segundo da excursão. E o resto, depois. Sem esconder nada. Ela disse pra eu deixar de ser boba, os caras são assim mesmo. Namoram uma, tomam banho pensando em outra e, à noite, na hora de dormir, sonham com as duas. Disse que o Carlinhos, namorado dela, é assim. Que é pra eu fazer igual a ela. Fingir que não sei de nada e tudo bem.

Acontece que eu sei de tudo, fingir não resolve e acho que não tem essa de "homem é assim mesmo".

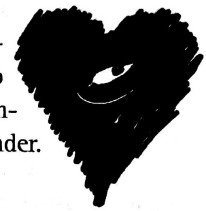
Sete de julho

E se mulher for igual? Namorar um, tomar banho pensando em outro e sonhar com os dois?

Eu, por exemplo, ando pensando em dois. Desde que o Rafa, naquela viagem de ônibus, atropelou o outro, meu segredo mais

Digitalizado com CamScanner

bem guardado, aquele que disse, antes do beijo, "*cara, te voglio tanto bene*", desde o dia da viagem que eu penso nos dois. Mais no Rafa. Bem mais.



Uma vez, ouvi uma amiga da minha mãe dizer: "O que os olhos não veem, o coração não sente". Achei uma bobice e não entendi nada. Continuo achando uma bobice. Mas começo a entender.

Dez de julho

Aniversário da Celeste. Mais uma vez, descubro que minha mesada não dá pra nada. Cada aniversário tem me mostrado que a inflação é a maior inimiga das amizades.

Doze de julho

Insisti pra burro e a Mônica me contou. Minha "sócia" é uma garota do terceiro ano. Da sala dele. E eu aqui embaixo, sem saber o que acontece lá em cima. Droga! Droguíssima!!!

Dezoito de julho, de manhã cedinho

Abri os olhos me lembrando da Bete, que sonha com os nomes dos filhos que quer ter: Gabriela e Artur.

Hoje é aniversário dela. Quando eles nascerem, daqui a muitos anos, tomara que a gente ainda saiba da vida uma da outra. Adoro visitar bebês em maternidades.

Dezenove de julho

Aniversário do Fernando, que bem podia me convidar pra comer uma torta de ameixa na Rua Palmira.

Eu convidava a Lenita e a gente comemorava tudo junto. Amanhã é aniversário dela.

Vinte e um

Aniversário do Oswaldo, um cara que escreve coisas bonitas. De vez em quando, tiro a maior nota da turma em redação. Adivinha quem faz pra mim?

Digitalizado com CamScanner

Vinte e três de julho de 1988

Juá telefonou, feliz da vida: nasceu o Caio. Faltou luz no hospital, na hora. E assim, poeticamente, à luz de velas, começou uma nova geração na família.

Vinte e seis

O Rafa viajou, o outro não escreve nem telefona. Vai ver, me esqueceu. Adianta ter dois?

Vinte e oito de julho

Falta total do que fazer. Já li *Capricho*, *Bizz*, *Pato Donald*, *Superinteressante*, tudo. Agatha Christie não estou a fim. Manuel Bandeira, ah, hoje não.

Fico andando pela casa, mexendo no escritório e esbarro no diário da minha mãe, mais uma vez: "*Aniversário da Santa. Três dias depois do Tiago Grande*". Meu Deus! Será que ela, agora, fala em código?

Vinte e oito, à noite

Descobri o nome da chata da colega do Rafa. Glória. Glorinha, com certeza. Prefiro o meu: Tê, Tetê, Terê. Prefiro os meus.

Dia vinte e nove de um mês que não passa, poxa!

Tomara que agosto chegue logo. E me traga o Rafa, que nunca mais volta dessa bendita viagem. Ou maldita? Estou morrendo de saudade.

Não posso ver ônibus. Sinto o maior aperto no coração. Fico imaginando um casal namorando lá dentro. Igual a gente. Na escuridão da ida e da volta. Ah, eu não sabia. Viajar à noite é a coisa melhor do mundo.

Dia trinta de julho

Foi assim a excursão: todo mundo chegando com malas, mochilas, sacolas, mantas. Confusão infernal.

Digitalizado com CamScanner

Combinei com a Mônica: a gente ia sentar junto.

Gente chorando: pai, mãe, avó, irmão mais novo. Parecendo que os filhinhos, netinhos e irmãozinhos iam pro fim do mundo.

Entrei primeiro, fiquei perto da janela. A Mônica me seguiu. Tudo certo.

Quando o ônibus começou a andar e eu já ia ouvir minhas músicas, ele chegou. Começou a conversar com a Mônica. Encostou-se no braço da cadeira e ficou.

Sono. Amanhã conto o resto.

Trinta e um de julho

Pois é: ele chegou, encostou, ficou. Não dei a mínima importância. Fones no ouvido, fiquei curtindo minhas músicas sem incomodar ninguém.

A conversa deles parecia ótima. Eu não ouvia nada, mas via tudo. Os dois riam. Gargalhavam. Quase igual à Fanny, a pessoa de gargalhada mais comprida que conheço. Começa a rir e se esquece de parar. Segundo o Adilson, ela é uma gargalhada.

Pois naquela noite, na viagem, a Mônica e o Rafa eram duas gargalhadas. Enquanto eu ouvia os Titãs – "Quem quer manter a ordem, quem quer criar desordem?" – e me entregava aos movimentos e curvas do ônibus, o sono foi chegando. Os rostos deles cada vez mais longe. As gargalhadas virando sorrisos.

Fui me encostando na Mônica, procurando um ombro. E encontrando.

●

Dia primeiro; primeiro, primeiro. Agosto

Adoro começar um mês! Comecei mal, hoje. Febre, desânimo, dor de garganta. De vez em quando, acontece.

Bem que eu tentei sair. Acordei, tomei banho (ah, como pensei nele!), comecei a me vestir. Parei no meio do caminho e me enfiei nos cobertores de novo.

Digitalizado com CamScanner

Lá pelas dez, o Pedro entrou no meu quarto. A gente conversa pouco. Ele não tem muita paciência comigo, nem eu com ele. Hoje, por milagre, ele estava legal. Perguntou se eu tinha tomado alguma coisa.

– Não acredito em remédio – respondi.

– Em que é que você acredita? – ele, rindo.

– Em nada.

– Nem no seu partido? – ele, provocando.

– Só nele.

– Você vai votar?

– Claro! Você não vai?

– Não acredito.

– Nem no meu partido adorado, que só você sabe qual é? – perguntei, espantada.

– Principalmente nele.

– Não é possível! – gritei.

Parece que era possível. Ele sorriu, tranquilo, pegou a mochila e saiu. Dizendo que tinha coisa mais importante pra fazer.

Preciso colar uns adesivos do bendito do meu partido na janela dele. Até onde eu entendo, ninguém resiste a um adesivo.

Vou dormir de novo. Mais tarde eu volto.

Mesmo dia, à noite, bem tarde

– Alô?

– Teresa?

– Rafa?

– Cadê você, garota?

– E você?

– Tô aqui, com saudade.

– Eu também.

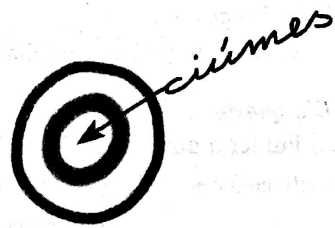
– Você tá doente?

– Mais ou menos.

– Mais, ou menos?

Digitalizado com CamScanner

– Ah, Rafa, não enche. Tô com febre, dor de garganta.
– Tomou remédio?
– Não acredito.
– O quê?
– Não acredito em remédios.
– Teresa, qual é? E em mim?
– Acredito no meu partido.
– O quê?
– Você ouviu, Rafa. Acredito no meu partido.
– Radical, você, hein? – ele ri, eu também.
– Você não é? – pergunto.
– Se você quiser...
– Tô falando sério, Rafa.
– Eu também.
– Você não tem opinião própria, cara?
– Sei lá, acho que não.
– Devia ter.
– Pra quê? Faz falta?
– Você não tá me levando a sério, né, Rafa?
– Estou, meu amor, estou.
– Seu amor?
– É! Meu amor.
– Só eu?
– Só.
– Ninguém mais?
– Alguma dúvida?
– Talvez.
– O que é isso, Teresa? Ciúme? Corta essa!
– Não pode? É proibido?
– Não combina com você, sabia?
– Combina com quem?



Mesma noite, mais tarde ainda
– Alô? Rafa?

Digitalizado com CamScanner

– Te gosto, Teresa. Quero te dar boa-noite, sonhar com você. E contar um segredo: vou me filiar ao seu partido. Nem sei qual é, mas vou.

– Te amo. Também quero sonhar com você.

– Então sonha.

– Então desliga.

– Antes, só mais uma coisa, Teresa. Abre a janela e olha a lua.

Dois de agosto

Sonhei com os dois.

Na hora do café, perguntei a minha mãe se ela sonha com meu pai.

– Quando?

Já disse que minha mãe tem mania de esticar a pergunta? Pois é.

– Ora, mãe, quando, quando. E quando é que a gente sonha?

– Você diz assim, à noite, a gente dormindo?

Para com a xícara na mão, parecendo olhar mais longe:

– Sonho com tanta gente...

Três de agosto

Com quem será que minha mãe sonha?

Dia quatro

Fui ler o diário dela. Só tinha isso:

Perto de você me calo,
Tudo penso, nada falo.

(Noel Rosa)

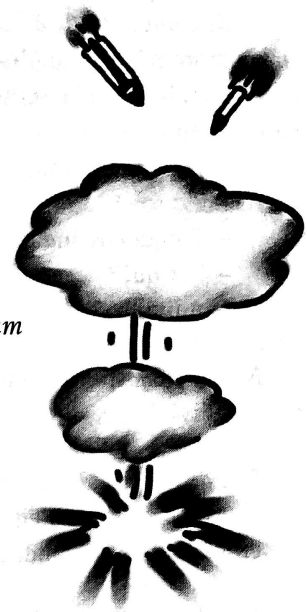
Minha mãe tem mania de marcar as datas dela com trechos de letras de músicas. Pena que só transe essas velharias!

Seis de agosto, de manhã

Quarenta e três anos da bomba sobre Hiroshima. Trabalho dos americanos.

Digitalizado com CamScanner

A rosa de Hiroxima



Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroxima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A antirrosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada.

(Vinicius de Moraes)

Seis de agosto, à noite

Acho que estou sendo influenciada por minha mãe. Escrevendo igualzinho. Esta página, hoje de manhã, poderia ser arrancada e colada no diário dela. Ninguém iria perceber diferença alguma. Só na letra.

Sete de agosto

Voltei à carga:

– Mãe, e acordada? Você sonha com quem?

– Com você.

Dia oito

Será que ela tá fugindo de mim?

Digitalizado com CamScanner

Nove de agosto, de manhã

Não quero fugir dele. Não fugi, na viagem. Quando acordei, o ombro não era da Mônica. Senti logo, imediatamente. Fui me afastar, indignada (termo forte, não é?), ele segurou meu braço de leve:

– Calma, garota.

– ?

– Troquei de lugar com a Mônica.

– Por quê?

– Adivinha?

Nove de agosto, à noite

Adivinhei.

Dez de agosto, de manhã

Aniversário do Regis, meu amigo poeta. Se eu soubesse escrever poemas, mandava um. A gente trocava.

Dez de agosto, à noite

Vou mandar esse poema pro Regis. Gosto dele.

"Maria vinha caindo, caindo.
Eles viram
e vieram correndo para aparar Maria.
Maria sorriu
e não escolheu os braços de nenhum.
Suavemente tocou com os pés na terra
e foi embora sorrindo, sorrindo."

(João Paulo Gonçalves)

Dia doze

Não escrevi nada, ontem. Comemorei o Dia do Estudante ficando à toa. Além disso, foi quinta-feira. Morro de preguiça às quintas-feiras.

Digitalizado com CamScanner

Treze de agosto

Aniversário da Leca.

Ah, esse dia é dos bons. Treze, agosto. Só faltou ser sexta-feira. Dizem que dá azar. Bobagem. Dá a maior força. Tenho inveja da Leca, nascendo nesse dia. Vou passar um telegrama assim: "Boas cavalgadas". Ela é bem capaz de pegar o telegrama, levar pra Hípica e mostrar pro cavalo. A Leca tem certeza de que cavalo é gente.

Quatorze, mesmo mês

O telefone tocou no princípio da noite, voei pra sala. Decepção: era minha mãe. Chega mais tarde.

Quase perguntei se ia sonhar. Fui pro escritório, abri o diário dela, li:

> *"Hoje, eu quero a rosa mais linda que houver*
> *E a primeira estrela que vier".*
>
> *(Dolores Duran)*

Mãe não é nada fácil.

Dia quinze de agosto

Não sei de nenhum aniversário hoje, mas é um belo dia. Não gosto de números ímpares, mas dia quinze é dia quinze. Queria ter nascido num.

Dezesseis

Aniversários e mais aniversários: Guará, Regina, Tidinga, Lúcia (ela gosta que a gente fale Lucinha), Jairo, Juca. Cada um de um lugar, de um pomar. De diferentes idades, cidades. (Epa! Tô fazendo versos?)

Dezoito de agosto, depois do almoço

O que eu queria, aconteceu. O encontro foi bem no meio da escada. Eu subindo, ele descendo. Os dois parando.

Digitalizado com CamScanner

Mesmo dia, à noite

O dia inteiro lembrando, gostoso. Adoro escada.

Mesmo dia, mais noite ainda

– Alô?

– Te espero amanhã.

– Onde?

– No meio da escada.

Dia seguinte, cedinho

Sonhei *só* com ele. E *não* quero conversa com minha mãe. Vou tomar café num segundo. Quando ela aparecer, estou longe.

Dia seguinte

Sabe quem eu encontrei no meio da escada? ELA. Nem me olhou. Ou melhor, olhou de cima. E subiu de novo.

Dia vinte e um de agosto de 1988

Mais de dois meses da excursão. Queria que o tempo voltasse. Pelo menos, as noites. Aquela. Fiquei perto dele, quieta, calada. Encostada no ombro que não era, mais, da Mônica. Achando ótimo que não fosse. Quando uma curva fechada me chegou mais pra perto dele, a gente se olhou demorado e eu disse:

– Rafael...

– Rafa – ele corrigiu. – Me chama de Rafa.

– Rafa...

– O quê?

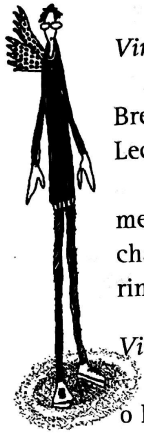
– Posso te falar uma coisa?

– Claro.

– Era isso mesmo que eu queria.

Ele me abraçou. A mão direita dele apertando meu ombro. Muito tempo.

Digitalizado com CamScanner



Vinte e três de agosto

Aniversário do pai do Breno, meu colega lá do colégio. O Breno é legal. Magro, alto, de óculos, às vezes me lembra a Leca. Só pensa em cavalo.

O pai dele, não. Passarinhos. Fiquei sabendo, porque o Breno me chamou pra sair hoje à tarde, pra gente procurar um livro chamado *O menino e o tuim*. Só serve esse. História de passarinho.

Vinte e três, à noite

Quase morri de tanto andar, com o Breno. Custamos a achar o livro. Na verdade, um livrinho.

– Você vai dar isso pro seu pai, Breno? Não é livro de criança?

– Que nada, ele fala sempre nessa história. Disse que já leu num livro antigo, do Rubem Braga. Um livro de contos que sumiu lá de casa, há muito tempo.

– E como é que você sabia que, agora, existe esse?

– Minha mãe. Ela viu na biblioteca do clube.

No ônibus, Breno e eu resolvemos ler o livro. Ele, eu não sei direito, por causa dos óculos, mas eu chorei.

Vinte e quatro de agosto

Diário da minha mãe: *"Trinta e quatro anos da morte do Getúlio. PUC, à noite".*

Dia seguinte

Perguntei a ela quem era o Getúlio. Disse: "Você não sabe?", como se eu fosse obrigada a saber. Seja como for, foi um cara muito importante na vida dela, pra ser lembrado mais de trinta anos depois de morto.

Outro dia

De gente famosa, só sei da morte do Drummond, o poeta. O mês? Agosto. O dia? Não me lembro mais.

Digitalizado com CamScanner

Dia vinte e nove

Perguntei ao meu pai sobre o Getúlio. Disse: "Você não sabe?", como se eu fosse obrigada a saber.

Depois, falou em caudilho, trabalhadores do Brasil, Estado Novo, salário mínimo, 1930, 32, 45, 54, etc.... Ah, e eu com as confusões do país? Prefiro as minhas, que já não são poucas.

Dia trinta, que bom, o mês está quase acabando

Aniversário do Eustáquio, inventor da palavra "matrifusia", do verbo "matrifusear" e de todas as outras que forem surgindo, na mesma família.

O significado? Segredo, como o poema do Manuel Bandeira.

O telegrama vai assim: "Te desejo matrifusias incríveis".

Trinta e um de agosto, à noite

O Breno disse que o pai dele adorou o livro. E chorou.

No próximo ano, vou procurar uma história de cavalo pro Breno, no aniversário. Esse ano já passou. Foi em março, dia doze.

●

Setembro, oba!

Mês superlegal. Até o nome é mais bonito que os outros.

Estive pensando no Breno, no pai dele, na Leca, no Fabiano (que também adora bichos). Se, algum dia, alguém fosse me dar um livro de bicho, acho que ia querer coruja. Gosto do jeito dela, com o olho aberto pra escuridão. Será que tinha alguma coruja no caminho do Paraná, bem no trajeto do ônibus?

Dois de setembro

Não vi nada no trajeto daquele ônibus. Só os olhos dele, o sorriso, a mão direita apertando meu ombro. Muito tempo. Soltando, apertando de novo.

– Era isso mesmo que eu queria – repeti.

Digitalizado com CamScanner

– Você está feliz?

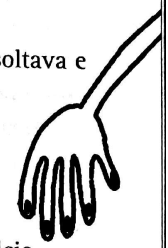
– Estou.

– Só com isso?

– Você acha pouco? – Segurei a mão dele, a que soltava e apertava meu ombro.

– Acho. – Ele apertou minha mão.

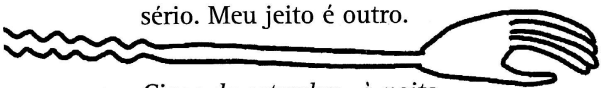
Eu também achava.



Cinco de setembro

Aniversário do Hélcio, que a gente chama de *Mr.* Hélcio. Nosso professor de inglês, há alguns anos. Quem leva as exigências dele a sério já tá sabendo falar inglês. O Sérgio é um, o Bernardo é outro.

Fico bem no meio. Não sei levar as coisas muito a sério. Meu jeito é outro.



Cinco de setembro, à noite

Meu jeito é meio largado. Ritmo lento, devagar. Deve ser por isso que não aprendi a dirigir. Quase todo mundo da minha classe dirige. Eu não gosto. Gosto de andar a pé. Vendo, reparando, descobrindo. Parando, principalmente. De carro, não tem jeito. A gente acaba indo onde não quer, entrando onde não precisa. E, às vezes, uma placa ainda avisa que não existe saída.

Cinco de setembro, madrugada, quase seis

O telefone tocou, voei.

– Teresa?

– Rafa? Sabe que horas são?

– Sei. Duas da madrugada.

– Aconteceu alguma coisa?

– Aconteceu.

– O quê?

– Quero te ver.

Digitalizado com CamScanner

– Agora? Tá louco?
– Posso ir aí?
– Rafa? Você bebeu?
– Você tem agenda, meu amor?
– Claro, por quê?
– Anota que eu te quero.
Anotei.

Seis de setembro, cinco da manhã, na cama

Não consigo dormir. Queria que o telefone tocasse outra vez.

Seis de setembro, nove da manhã, no colégio

Hoje é aniversário do Olavo, meu primo e amigo, mas não tô nem aí. Só penso no telefonema dessa madrugada: "Anota que eu te quero". Anota, anota.

Seis de setembro, meio-dia, voltando pra casa

Imagina. O cara ligar às duas da madrugada: "Quero te ver". Nunca vi nada mais bonito. Te quero... Te quero...

Seis de setembro, duas da tarde, na aula de inglês

Há exatamente doze horas, eu ouvi: "Você tem agenda, meu amor?". Só eu, nesta cidade imensa. Só eu.

Seis de setembro, qualquer hora da noite

A chata da minha mãe: "Teresa, que tanto você suspira?".

Sete de setembro

Ah, hoje é feriado, me recuso a escrever qualquer coisa. Feriado é pra ficar à toa. Com-ple-ta-men-te.

Digitalizado com CamScanner

Oito de setembro

Minha mãe pensa diferente. Ontem, apesar do feriado (ou por causa dele), ela escreveu muito:

"Sete de setembro: ah 'porque me ufano do meu país'. Nos meus tempos de estudante, esse dia era semana. A da pátria. Amada, brasileira. Idolatrada, salve, salve! Hino Nacional cantado de pé. Se possível, mão no peito. Ao som do mar e à luz do céu profundo. Mesmo no interior de Minas Gerais, o mar a milhas e milhas. Sobrava o céu profundo. De quebra, o sol da liberdade, o amor eterno, o povo heroico, o brado retumbante, o lábaro estrelado, os risonhos lindos campos, o verde louro, o sonho intenso, o raio vívido, o berço esplêndido, a clava forte, o florão da América, a mãe gentil. Coroando tudo, a eterna – e etérea – promessa: PAZ NO FUTURO E GLÓRIA NO PASSADO.

Devo ter mudado de país.

P.S. Aniversários:
Magda e Ronald.
Deles, eu me ufano".

Oito de setembro, à noite

Perguntei ao meu pai se ele acha minha mãe um mistério. Ele tem certeza.

Manhã do dia nove

Aniversários: Fabiano (aquele que gosta do avô), Laura, João Paulo. João Paulo é poeta. Vive lendo, escrevendo. Tão diferente de mim. Outro dia, fez um poema chamado "Sara". Perguntei se era nome da namorada dele. Disse: "Não, é só um nome bonito. O mais bonito que existe". O nome mais bonito de mulher? Mariana. Páreo duro para Clara e Virgínia.

Dia dez

O mundo é menor do que eu pensava. O Breno chegou na sala, hoje, me dando um beijo enviado pelo Fabiano. Ele foi ao aniversário, ontem.

Digitalizado com CamScanner

– Você conhece o Fabiano de onde? – perguntei.

– De onde? De sempre. É meu primo. Meu pai é irmão da mãe dele.

– É mesmo? E a mãe dele? Também gosta de passarinho, igual seu pai?

– Igual, acho meio difícil. Mas meu pai já levou um canarinho pra ela. Um do bico torto.

Dia onze

Não sei se ia querer um canarinho do bico torto. Ou qualquer canarinho. Não gosto de gaiolas. Nosso apartamento, no 17º andar, é cheio de grades. Menos no meu quarto. Eu não conseguiria dormir.

Doze de setembro

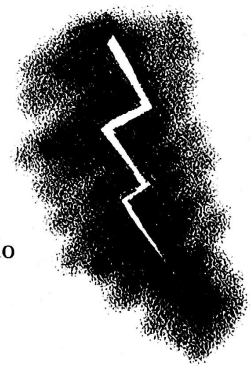
A Carol me escreveu. Disse que o Carlinhos vai fazer um jornal, o pai dele, uma revista. No aniversário dela (quarta-feira passada, me esqueci de registrar aqui, não sei – ou sei? – onde andava minha cabeça), ele foi. Bebeu, deu um beijo nela, apagou, teve de ser levado em casa. Ela só não disse se ele apagou por causa da bebida ou do beijo.

Treze de setembro

Aniversário da Madu, agitada, elétrica, briguenta. Essa, nem precisa perguntar. Tem festa de qualquer jeito. Já combinei com a turma. Tamos lá!

Dia quatorze (Níver da Estelinha)

O Rafa também foi. Ficou espantado quando me viu. Eu, mais ainda, quando vi a GLÓRIA ao lado dele. Ao lado nada, agarrada. Agarrada é pouco. Grudada. Grudada nele. Tomara que um raio caia bem no meio da cabeça dela.



Digitalizado com CamScanner

Dia quinze de setembro

Escrevi pra Carol. Contei tudo. Acho que, naquela madrugada, enquanto eu anotava, na agenda, que ele me queria, acabou vendo a Glória. Aquela nem sei o quê.

Outro dia

Outro dia pra quê? Todos andam iguais. Sombrios, escuros. Rasguei a página da agenda, depois de riscar a frase "ele me quer", com canetas de todas as cores. Não ficou nem sinal.

Mesmo dia, à noite

Aniversário da Emmy, que a Mariana fotografou há pouco tempo. Mesmo que tiver festa, não vou. Quero ver ninguém.

Dezessete de setembro

Resolvi, disquei:

– Alô?

– Rafael? Sou eu.

– Teresa? Eu ia te ligar, meu amor.

– É rápido, Rafael. Você tem agenda? Anota que te odeio.

Dezoito de setembro de 1988

Odeio mesmo. Queria que ele morresse eletrocutado. Despencasse num abismo. Fosse tragado por areia movediça. Daquelas super-hiperimundas.

Dezenove de setembro

Nem acredito no que me aconteceu hoje. Não sou muito de ler, como se sabe. Entretanto, na falta de coisa melhor, fui ao quarto do Pedro, em busca de alguma novidade. Ele costuma acertar numas revistas, de vez em quando. Encontrei um livro – *Diário do Outro*, de Ronald Claver – e comecei a ler lá mesmo, no quarto dele. Na cama com cheiro de cigarro. Nem abre a janela direito, aquele preguiçoso.

Digitalizado com CamScanner

Fui lendo e conhecendo as personagens. De repente, um susto! Sabe qual era o nome da garota? Carol. Do namorado dela? Carlinhos. Tudo parecido com a vida da gente. Aí, de repente, outra vez, outro susto, maior ainda! Descobri o nome da mulher que povoa o pensamento do Carlinhos, na hora do banho. LINDAURA! Está lá, no *Diário do Outro*, com todas as letras. O Carlinhos, namorado da minha amiga Carol, toma banho pensando na Lindaura, que deve ser parecida com a Glorinha. Igualzinha.

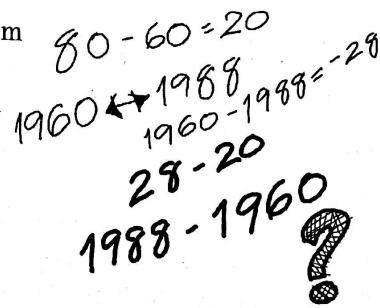
Vou contar pra Carol. Ela sabe que existe mais alguém na vida do Carlinhos, só não sabe quem. E pensar que eu descobri assim, sem querer. Foi demais, não foi?

À noite, perdi o sono. Imaginando como será essa Lindaura.

Vinte de setembro de 1988, cinco horas da manhã

Devorei o *Diário do Outro*. Tinha a impressão de estar lendo a vida da Carol. Não conseguia parar. Só que, no fim, fiquei supergrilada: eu e a Carol estamos vivendo agora, em 1988, em plena Era Sting e aquele livro, o *Diário do Outro*, é de 1960, da Era Beatles. Como é que pode? Não dá pra entender. Nos anos sessenta, "nós amávamos os Beatles" e alguém mais, não me lembro direito. Agora, tanto tempo depois, idolatramos o Sting. Como é que pode? A Carol do livro será a mesma que eu conheço? Tem outra coisa me intrigando, que sou eu mesma. Não me encontrei nas páginas do *Diário do Outro*. Onde será que eu estava?

Ah, vou cobrir a cabeça com um cobertor bem grosso, colocar o travesseiro em cima e dormir. Me esconder. Dos anos sessenta e dos oitenta. De mim e da Carol.



Digitalizado com CamScanner

Mesmo dia, à noite

Pensei nessa confusão o dia inteiro. Tô ficando pirada, e não é pra menos. Conheço a Carol, sou amiga dela, a gente conversa, se entende, não tem segredo uma pra outra. Tenho certeza de que ela tem quinze anos, é apaixonada pelo Carlinhos, mora em Belo Horizonte, de vez em quando passa uns dias aqui em casa, essas coisas. Então, quem é que pode me explicar como é que ela foi aparecer naquele livro escrito há tanto tempo, o tempo todo namorando um Carlinhos e tendo quinze anos e morando numa cidade chamada Belo Horizonte?

Vinte e um de setembro

Aniversário da Fanny. Conversei com ela no colégio, na hora do recreio. Passados parabéns e felicidades, a gente resolveu pôr a vida em dia. Eu, as angústias. Ela, as gargalhadas.

Acabei contando a minha descoberta lendo, no *Diário do Outro*, coisas acontecidas com a Carol há mais de vinte anos. Antes, é claro, expliquei quem é a Carol.

– Você acha que escrevo pra ela, contando? – pedi ajuda.

Fanny gargalhou:

– Claro, Teresa, imagina! E você vai perder uma história dessas? Escreve agora, correndo!

Vinte um, outra vez, mais tarde

Contei a meu pai. Ele disse que já leu coisas parecidas, nos livros de ficção científica. Uma de suas paixões.

Arregalei os olhos:

– Pai! Então isso pode acontecer mesmo?

– Teresa, Teresa. Vê se cresce, aumenta o horizonte, multiplica a visão. Tudo que a gente imagina pode ter acontecido. Estar acontecendo. Vir a acontecer.

Digitalizado com CamScanner

Pensei em procurar minha mãe, mas desisti. Ela podia me confundir ainda mais.

Vinte e dois de setembro

Aniversário do Celo. Fiquei olhando pra ele e pensando de que planeta teria vindo. De que época. De que jeito.

Vinte e três

Estou no maior alívio. Não aguentava mais.

Escrevi pra Carol. Perguntei se conhecia alguma Lindaura.

Setembro, vinte e quatro

Escrevi mais uma carta. Não pra Carol, pra ele.

Dia vinte e cinco

O telefone tocou, não atendi. Pensei: "Deve ser o Rafa. Que ligue pra Glorinha".

Dia vinte e seis

Nada, *niente, rien, nothing.* (Não sei alemão, nem japonês, nem armênio, então fico por aqui mesmo.)

Dia vinte e sete de setembro

Resposta da Carol: conhece, sim. Filha da costureira. Assenta com as pernas cruzadas, estrategicamente, usa decotes que ela, se tivesse coragem, usava também. No fim da carta, a pergunta: "Por quê?".

Vinte e oito

Vontade de conhecer essa Lindaura.

Vinte e nove

Aniversário do Fábio, professor de Física e de Matemática. Vontade de perguntar o que ele acha disso tudo. Segundo a lei das probabilidades, é possível acontecer uma coisa dessas?

Digitalizado com CamScanner

Ah, outra coisa superimportante: segundo essa mesma lei, será que o meu partido tem alguma chance nas eleições?

Trinta de setembro

Ando numa dúvida atroz, cruel, terrível: conto ou não à Carol que ela *não* vai se casar com o Carlinhos? Fui ler o livro, não é? Agora, paciência. Sei de tudo. Sei até o nome do cinema onde o Carlinhos vai tentar dar um beijo nela. Sei até o nome do filme.

●

Primeiro de outubro, nas ruas, pensando

Vou deixar essa história da Carol pra lá. Fingir que nem entrei no quarto do Pedro. A vida é dela, o diário do outro. (Ai, odeio trocadilho e acabei de fazer um. Se tivesse escrito a lápis, apagava.)

Primeiro de outubro, no quarto, sonhando

Aniversário do Fábio, apaixonado por refrigerante.

Ah, segundo aquela lei das probabilidades, quando – e se – meu partido assumir o governo, será que minha pobre, minguada e sofrida mesada vai "adquirir maior poder aquisitivo"?

Dia dois

Perguntei ao Pedro se leu o livro. Não leu. Comprou? Ganhou. De quem?

– Você não conhece – ele disse.

– De quem, Pedro?

– De uma moça chamada Lindaura.

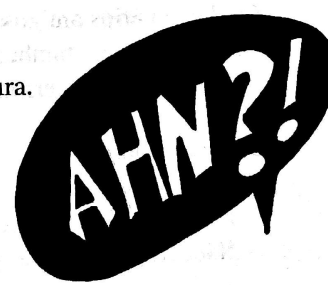
– Daqui de São Paulo?

– É.

– Sua colega?

– Amiga.

– O que que ela faz?



Digitalizado com CamScanner

– Ajuda a mãe.

– E a mãe dela, faz o quê, Pedro? Anda, responde logo.

– Que é isso, Teresa? Tá maluca? O que que tem ganhar um livro de uma amiga? Não tenho culpa se ela me acha com cara de quem lê. Ah, e se você quer saber mesmo, a mãe dela é costureira.

Dessa vez, não escapo de mim: tenho de procurar minha mãe.

Três de outubro

Procurei. De manhã, hora do café:

– Teresa, sabe que, na minha cabeça, hoje é um dia muito confuso? – ela falou, antes de mim.

Fiquei quieta.

– Ele me lembra coisas boas e ruins.

– Não é sempre assim, mãe?

– Não, hoje é um dia muito especial. Nas coisas boas e nas ruins.

– Exemplos, *please*.

– De coisa ruim? Foi nesse dia, há exatamente 28 anos, que eu votei no Jânio pra presidente. Ainda carrego esse peso. Você pode não acreditar, achar que é exagero, mas é a pura verdade.

– Coisa boa?

– Aniversário do Gilberto.

– Não conheço.

– Um dia, te apresento.

Conheço vários amigos dela. Desse aí, nunca ouvi falar. Vai ver, votou no Jânio também. Não deixa de ser um jeito original de comemorar o aniversário.

Quatro de outubro

Hora do café:

– Dia confuso, outra vez, mãe?

– Não, calmíssimo.

Digitalizado com CamScanner

– Quero te perguntar um troço.

– Pergunta.

– Você acredita em reencarnação?

Ela parou com a xícara no ar. Sinal certo de surpresa.

– Acredita, mãe?

– Sei lá. Acredito e desacredito.

– Sabia, tinha certeza da sua resposta.

Baixou a xícara.

– Você é a pessoa mais indefinida que eu conheço, mãe. Acredita e desacredita, pode e não pode, é e não é, vai e não vai, sonha e não sonha. Assim, desse jeito, sempre, sem parar.

– Pô! Como você me conhece, Teresa! – minha mãe, entusiasmada.

– Então, me responde, mãe. Reencarnação existe?

– Por que é que você quer saber?

– Seguinte: li um livro do Pedro...

– Do Pedro? E ele tem algum livro?

– Ganhou de uma amiga.

– Que amiga?

– Filha de uma costureira.

– Costureira? O Pedro conhece alguma costureira?

– A filha, pelo menos, ele conhece.

– Você sabe o nome dela?

– Lindaura.

– Ah, a Lindaura? Eu não sabia que a mãe dela era costureira.

– Você conhece alguma Lindaura, mãe?

– Conheço. Mas, pensando bem, deve ser outra. Difícil ela ser amiga do Pedro.

– Por quê?

– Porque ela deve ter a minha idade, ou mais. Já tive até uns ciúmes dela.

– É mesmo, mãe? Conta, como é que foi?

Digitalizado com CamScanner

– Ah, deixa isso pra lá, já tem tanto tempo. Eu achava que ela ia seduzir o seu pai. Deixa isso pra lá. Toma seu café. Tá esfriando.

Quando minha mãe não quer falar, não adianta. Peguei minha mochila:

– Valeu, mãe. Tá claríssimo, na minha cabeça: existe.

– O quê?

– Reencarnação.

Cinco de outubro

Carol, Lindaura, Pedro, Carlinhos, Rafa, Glorinha, costureira, meu pai, minha mãe, passado, presente, futuro. Tô pirando.

Sete de outubro

Aniversário da Queta. Saudade de quando a gente morava pertinho, na mesma rua. Naquela época, eu ainda não tinha lido esse bendito ou maldito livro. Minha vida era calma, sem fantasmas do passado invadindo o presente. Afinal, de onde terá vindo essa Lindaura? Outra coisa: custava o Carlinhos casar com a Carol? Livro é tudo mentira mesmo, todo mundo tá cansado de saber, ora essa. Assim, se ela não casar de verdade, nos anos oitenta ou noventa, casava no livro, nos anos sessenta. Já era alguma coisa. Ah, quer saber? Ando meio desconfiada de que esses anos sessenta não foram grande coisa nada. Tudo igual ao que a gente conhece hoje, sem tirar nem pôr. Ah, deixa pra lá.

Oito de outubro

Mais de quinze dias sem falar com o Rafa. Como hoje é sábado e não tem aula, fui andar por aí com a Mônica. Ela disse que o namoro dele com a Glorinha tá firme. Um almoçando na casa do outro. Que almocem. Quanto a mim, ando almoçando, lanchando e jantando o trio Carlinhos-Carol-Lindaura. O "Trio Los Tres", como diz a Ione, quando se refere a três amigos inseparáveis, lá do colégio. Não consigo pensar em outra coisa. Só no *show* do Sting, semana que vem.

Digitalizado com CamScanner

Nove de outubro, domingo

O telefone tocou. Atendi sem pressa. Voz de mulher, perguntando pelo Rafa. Respondi: "Não mora aqui". A voz virou choro, do outro lado. Desliguei. Só não desligo do *show* do Sting.

Dez

Aniversário do Ronaldo, um dos irmãos da professora de Geografia. O que mexe com fotografia, cinema, essas coisas. Nos reunimos, umas quatro, compramos um disco, mandamos pra ele. Nada do que a gente gosta. Música clássica, nem guardei o nome. Ele estuda piano. Estou procurando alguém que estude bateria e queira ir comigo ao *show* do Sting.

Onze de outubro

O telefone tocou. Atendi. A voz soluçou. Desliguei.

O telefone tocou de novo. Quase não atendi. Em vez de soluço, a voz da Mariana, vibrante. Ela vai fotografar o Sting amanhã. A foto deve sair num livro que estão escrevendo por aí. Falam nele. Morri de inveja. Não do livro, claro. Da Mariana, que vai ficar mais perto dele do que eu. Acho que esse negócio de fotógrafo é uma boa.

Doze de outubro de 1988, São Paulo, Brasil

Digitalizado com CamScanner

Dia treze

Quando ia comprar uma coca-cola, entre duas aulas de Física, esbarrei nele no fim do corredor:

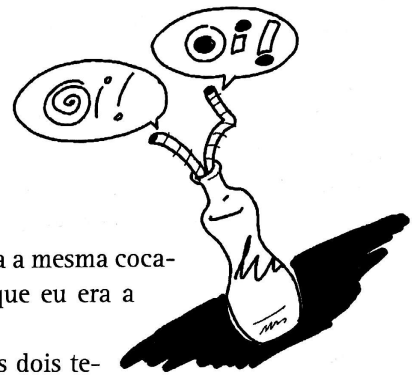
– Oi.

– Oi.

– Posso ir com você?

– Se quiser...

Ele quis.



Mesmo dia, à noite

Enquanto a gente tomava a mesma coca-cola, de manhã, ele disse que eu era a mulher da vida dele.

Fiquei me lembrando dos dois telefonemas. Um chorado, outro soluçado.

– Você já chorou no telefone? – perguntei.

– Eu? Por quê?

– Porque eu já.

Quatorze de outubro

Mentira. Nunca chorei. Talvez não tenha chegado a hora, como minha mãe costuma dizer.

Quinze de outubro de 1988

Quem terá dado meu telefone pra ela? O Rafa? Era ela, tenho certeza. A gente conhece. Aquele soluço tinha endereço certo.

Dia dezesseis

Perguntei à Mônica. Eles acabaram, sim. Motivo? Nada, nenhum. Acabaram, só isso. Tudo que começa, acaba.

E os almoços, um na casa do outro?

Dia dezessete

Dois aniversários: Tonho (outro que estuda música) e Renato. Mais espertos que o Gilberto. Conseguiram escapar do

Digitalizado com CamScanner

dia da eleição do Jânio pra presidente, em 1960. Deus me livre de mim! Arranjo cada assunto... Ou será falta total do mesmo?

Dezoito de outubro

De vez em quando, alguém morre de AIDS. Tanta gente conhecida. Henfil, Chico Mário, Darcy Penteado, Leon Hirschman. Aqui perto de casa tem uma galeria de arte com um quadro do Darcy. Uma família faz um piquenique no campo. Avô, pai, mãe, filhos. Ao lado, um carro antigo. Ford 29, meu pai disse. Quando não estou com muita pressa, coisa rara, entro lá e fico olhando. Aqueles tons de verde me fazem bem. Me fazem sonhar com uma família assim, tranquila, serena, se olhando, se conhecendo, se amando. Assim, em tons de verde.

Dia dezenove

Aniversário da tia da Leca, Anésia, no Espírito Santo. Já fui lá com a Leca. Quem vai muito é a Carol, que mora em Belo Horizonte e não vive sem praia. A Leca prefere cavalo. O Rafa também gosta. Prefiro coruja, acho que já falei, por causa do olho aberto na escuridão. E vivo sem praia. Só não vivo sem tons de verde. Pois é, sou da turma da ecologia. Aliás, ando querendo saber mais sobre Greenpeace.

Dia vinte

Esbarrei na Glorinha, na correria da saída. Ela me olhou fundo. Não de cima, como naquela vez da escada. De frente, aberto. Como quem chora ou soluça – chora e soluça – e não precisa camuflar.

Vinte, à noite, bem tarde

O olhar da Glorinha, como quem soluça, me perseguindo. Seguindo, o dia inteiro. Rondando.

Digitalizado com CamScanner

Vinte e um, madrugada

Acordei suando, troquei de pijama e fiquei repetindo, acordada, o que tinha descoberto, dormindo. Alguma coisa parecida com as conversas da Sonia, lá com as roupas dela. Aquele negócio de nada como um dia depois de outro, um dia é da caça, outro do caçador, água mole, pedra dura, coisas assim.

Tinha sonhado com a Glorinha e o Rafa, é isso. Aliás (esse é o nome da revista do pai do Carlinhos), aliás, pensando bem (tô parecendo minha mãe, ela tem mania de usar essa expressão), eu tinha sonhado era comigo.

Vinte e quatro

Hoje de manhã, quando arrumei a cama, imitei a Sonia. Conversei com meu pijama: "Olha, pijaminha, já que depois de um dia vem outro e nada melhor que isso, prepare-se para vestir uma nova pessoa. Isto é (como existe revista neste país, pô!), isto é, eu mesma".

Vinte e cinco de outubro, dia confuso

Tem dia que eu só quero ser eu, é fácil. Depois, penso: deve ser ótimo ser a Carol. Perceber as coisas e fingir que não percebe, dizer "homem é assim mesmo" e tudo bem. Depois, imagino que a Glorinha (nada como o tempo para passar, e o raio que eu queria caindo bem no meio da cabeça dela?), chorando, soluçando, encontrou seu jeito de dizer: eu também estou sofrendo. Depois, sonho com as pernas da Lindaura estrategicamente cruzadas e com a sua capacidade de estar em todos os lugares e épocas, na cabeça das mais diferentes pessoas. Na minha, principalmente.

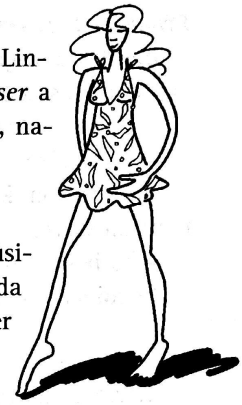
Vinte e seis

Aniversário da mãe da Lulu, que também é deste mês. Quando será o aniversário da Lindaura?

Digitalizado com CamScanner

Vinte e sete

Um dia, eu disse que queria conhecer a Lindaura. Nada disso. Muito mais. Eu queria *ser* a Lindaura. Vestir o pijama dela. Se bem que, naquele livro, ela só usa camisola.



Vinte e oito, hora do almoço

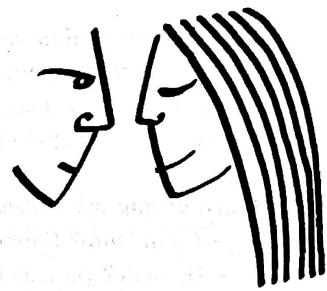
Se a Glorinha fizer diário e conhecer as músicas que eu conheço (por causa do meu pai e da minha mãe, é bom que se explique), deve ter se lembrado da Dolores Duran:

> *"Eu desconfio que o nosso caso*
> *Está na hora de acabar,*
> *Há um adeus em cada gesto, em cada olhar,*
> *Mas nós não temos é coragem de falar".*
>
> *(Dolores Duran)*

Vinte e oito, à noite

Chega uma hora em que as músicas desse pessoal careta dos anos sessenta servem pra alguma coisa. Agora, por exemplo:

> *"Esse seu olhar*
> *quando encontra o meu*
> *fala de umas coisas*
> *que eu nem quero acreditar".*
>
> *(Tom Jobim)*



A Sonia tem razão: um dia é da caça. O outro é meu.

Vinte e nove

O outro é meu.

Trinta

O outro é meu?

Digitalizado com CamScanner

Primeiro de novembro

Resolvi começar bem o mês e convidei o Rafa prum cinema. Lá, sem mais nem menos, ele me falou assim:

– Queria te levar comigo.

– Pra onde?

– Rondônia, Roraima, Acre, Fernando de Noronha. Amapá também serve.

– Tá bom – falei. – Vou arrumar a mala.

"E colocar nela o pijama da Lindaura", pensei.

Dois de novembro

Diário da minha mãe: *"Dia de Finados. Aqui, numa cidade deste tamanho, a gente não ouve sinos".*

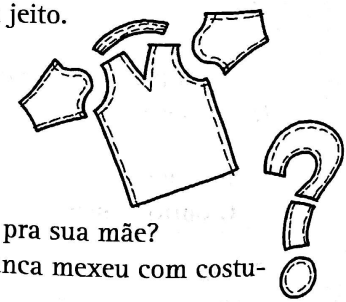
Meu diário: Feriado. Aqui, numa cidade deste tamanho, me perco com o Rafa.

Dia três

Aniversário do Marden. Dos caras mais legais que eu conheço. E olha que eu conheço gente. Vou passar um telegrama, perguntando se o café já brotou na samambaia. Ele vai entender.

Quatro de novembro, tarde, tarde

Ando querendo perguntar ao Rafa se ele conhece a Lindaura, mas tem faltado coragem. Sei que a resposta vai ser afirmativa e preciso estar preparada. Se é que tem jeito.



Cinco de novembro, cedo, cedo

– A Lindaura? Conheço, claro.

– De onde? Da mãe costureira?

– O quê?

– Você vai levar ou buscar costuras pra sua mãe?

– Tá maluca, Teresa? Minha mãe nunca mexeu com costureira. Compra tudo pronto.

– Pensei que você fizesse como o Carlinhos.

Digitalizado com CamScanner

– Que Carlinhos, Teresa? Que Carlinhos?

– Ah, Rafa, esquece. O Carlinhos é namorado da Carol, aquela minha amiga.

– A Carol eu conheço.

– Esquece, Rafa. Olha, vamos pra Rondônia?

– Prefiro Roraima – ele disse.

– Fernando de Noronha é mais perto – brinquei.

– Vamos acabar no Amapá. – Ele me deu um beijo.

Dia seis

Aniversário do Túlio, ex-aluno do colégio. Outro dia, olhando umas fotos antigas, ele me disse: "Olha aqui, eu com oito anos. Fã incondicional do meu pai". E contou: quando era criança, numa cidade do interior, vivia na rua, brincando ou andando de bicicleta. Nem sabia onde ficava o escritório do pai, advogado, que via sempre em casa. Almoçando, jantando, conversando, telefonando, lendo. Principalmente lendo. Um dia, quando lhe fizeram a pergunta inevitável – O que você quer ser quando crescer? –, não teve um pingo de dúvida: "Nada. Quero fazer como meu pai. Ficar à toa, na cadeira de balanço, lendo jornal".

Dia oito de novembro, de manhã

Aniversário do Juarez, colega da minha mãe lá na PUC. Leitor de Guimarães Rosa. Os dois têm conversas sem fim. Ouço uns pedaços, às vezes. Confesso que ando ficando curiosa pra saber mais sobre Diadorim, Riobaldo e outros nomes de que não me lembro agora.

Eu não seria capaz de morar em fazenda, apesar dos tons de verde. Tudo igual todo dia. Mesmíssimas pessoas, mesmíssimo trabalho. Sossego monótono. No meu caso, desassossego.

Mesmo dia, hora do almoço, saída do colégio

O Rafa me cutucou o braço:

– Amapá, tá legal?

– Te gosto – falei.

Digitalizado com CamScanner

– Sei disso – falou. – E me assusto.
– Por quê?
– Porque eu também te gosto muito.
– Isso é assustador? – perguntei.
– Pra mim, é.
– Não te entendo, Rafa.
– A gente tem muito a ver, Teresa.
– Isso te assusta? Por quê?
– Porque a gente pode dar certo.

Mesmo dia, muito tarde

Aqui no meu quarto, estirada na cama, olhando a foto do Rafa que ganhei da Mariana (foto importantíssima, tirada na inesquecível excursão ao Paraná), ouço minhas músicas – "Eu não posso viver comigo, eu não posso fugir de mim, eu não quero que gritem comigo, eu não quero que riam de mim" (Titãs) – e penso na conversa, hoje de manhã, na entrada do colégio. Ele tem medo de mim. Da gente dar certo. Fica fugindo, medroso. Assustado. Cara complicado, pô.

Dia dez

Na saída do colégio, paramos na lanchonete da esquina:
– Rafa, estou com uma pergunta atravessada na garganta.
Ele riu:
– Então, desatravessa.
– Vem cá, você e a Glorinha brigaram porque podiam dar certo?

Digitalizado com CamScanner

– Não, não tem nada a ver.

– Não? – Impossível disfarçar a curiosidade.

– A gente brigou porque ela ficou com ciúme da Lindaura.

Perdi a voz. Ele continuou:

– Aquela garota de quem a gente...

– Já sei. A filha da costureira.

– Que costureira, Teresa? Você vai começar de novo?

– Tá legal, Rafa. Mas, me explica, com todas as letras: se ela não é filha da costureira, é filha de quem?

– Sei lá, nunca falamos disso.

– Vocês falavam (ou falam) de quê?

– Você quer mesmo saber?

– Não, não quero. Quero outra coisa. O telefone. Você tem o telefone dela?

– ?

– Quero saber se a mãe dela é costureira.

Dia dez, depois do almoço

Esperei todo mundo sair de casa.

– Alô?

– Eu queria falar com a Lindaura.

– Pode falar.

– É ela? – Tenho certeza de que gaguejei.

– Ela mesma.

– Sua mãe está?

– Você quer falar com ela, ou comigo?

– Com você, quer dizer, tanto faz.

– Seu nome?

– Meu nome?

– É a Teresa, não é? – Ela deu um risinho de quem saca tudo, que me lembrou o Bernardo, aquele meu colega.

Fiquei muda. Ela insistiu:

– Não é a Teresa?

– Como é que você sabe?

Digitalizado com CamScanner

– Eu estava esperando seu telefonema.

– O Rafa comentou com você?

– O Rafa? Não, ele nunca falou em você.

Deu outro riso, um pouco mais aberto, que não me lembrou o Bernardo. E continuou:

– Você é namorada dele? Eles nunca falam nas namoradas.

– Falam em quem?

– Às vezes, nem falam.

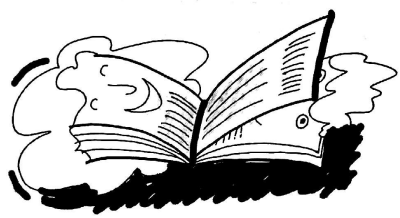
– Escuta, sua mãe é costureira?

– Você sabe que é.

– Como é que você sabe que eu sei?

– Ora, Teresa. Você leu aquele livro, o *Diário do Outro*, não leu?

– E você, Lindaura? Leu?



Ela gargalhou, quase Fanny:

– Eu? Pra quê? Eu sou aquele livro.

Achei que ela começava a exagerar:

– Existem outras pessoas também, não é, Lindaura?

– Teresa, você já ouviu falar em coadjuvantes?

Resolvi mudar de tática:

– Sabe, Lindaura, acho que o cara que escreveu...

– O Ronald Claver, você quer dizer.

– Você conhece?

– Esse, não. Além do mais, ele é quem precisa me conhecer, não é?

– Pois eu acho que ele deixou muita gente de fora. O Rafa, por exemplo. A Glorinha. Até eu.

Dessa vez, ela foi uma perfeita Fanny:

– Ah! Bem que eu estava desconfiada. Você não leu o livro direito. As entrelinhas. Sabe o que são entrelinhas? Vai ler de novo, Teresa. Procurar seu capítulo. Sua página. Suas reticências.

Digitalizado com CamScanner

Era tudo tão maluco. Reticências. Vírgulas, interrogações. Tudo tão absurdo. Parágrafos, parênteses.

Me lembrei do Graciliano Ramos em *Memórias do cárcere* (esse eu li, por causa do filme. Quando tem filme, leio o livro, pra ver de qual que eu gosto mais). Ele definiu assim o encontro com um amigo numa situação inesperada: "Éramos duas surpresas".

Ela de lá, eu de cá. Éramos isso, duas surpresas. Criei coragem e resolvi perguntar se, mesmo com o livro pronto, exposto em livrarias e estantes, a Carol, tão minha amiga, ainda poderia ter alguma chance com o Carlinhos.

– Lindaura?

– Estava pensando que você tinha desligado. Você costuma ficar assim, calada, no telefone?

– Não, não. Eu voei um pouco. Estava pensando uns troços. Posso te perguntar uma coisa?

– Acho que sei o que é.

– Lendo nas entrelinhas?

– Muito mais que isso. É o pijama, não é? Eu tenho um, sim. Mês que vem, te mando. Desligou.

Mesmo dia, logo depois

Tô pirando.

Mesmo dia, à noite

Pirei de vez. E tô morrendo de medo. Do telefone, dela, de tudo.

Mesmo dia, de madrugada

E quando esse pijama chegar?

Outro dia, o dia inteiro

Não consegui sair da cama. Debaixo do lençol, escondida, escondido, já nem sei se toco o pijama dela ou o meu.

Digitalizado com CamScanner

Mesmo dia, à noite

Tô tão perdida que busquei socorro no diário da minha mãe: *"Aniversário do Leonel, que chamo de Leônel, só nós dois sabemos por quê. Ele gosta de dizer que seu aniversário, onze do onze, é fácil de lembrar. Ou de não esquecer?*

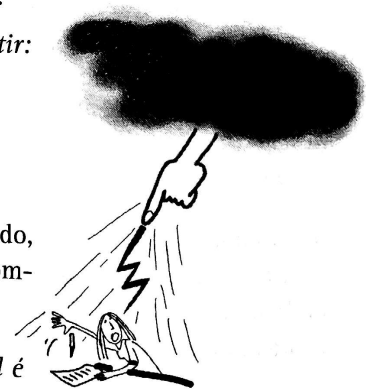
Leonel, onze do onze, escorpião, quatro filhos, boa gente, escreve bonito. Uma vez, feriado, viajei pro fim do mundo, em Minas. Ele escreveu, pediu uma manga. Eu trouxe, colhida no pé".

O diário da minha mãe não clareia muito, como sempre, mas pelo menos serviu pra eu descobrir que dia é hoje. Onze do onze. Conheço esse Leonel. Ou Leônel, sei lá. Amigo de mãe costuma ser chato, mas esse cara é legal pra caramba. Ah, também adoro manga!

Mesmo dia, ou o seguinte, ou a véspera, sei lá

Recebi um cartão da Sonia, trazido, com certeza, pelo vento, de tão maluco que é. Deste jeito:

"Uns versinhos pra você refletir:
na bandeira cabe a pátria
por maior que a pátria for
numa hóstia pequenina
cabe Deus Nosso Senhor...".



Para uma pessoa que tá pirando, como eu, nada como uma outra completamente pirada.

Esse mesmo dia que não sei qual é

Bilhete pra ser jogado pela janela, à espera de ventos favoráveis: "Valeu, Sonia, valeu".

Outro dia

Adoro o Rafa! Ele telefonou, a gente combinou, saiu, passeou por aí. Achei as árvores mais verdes, o céu mais azul. Se

Digitalizado com CamScanner

duvidar, o Hino Nacional tem razão: "Nossos verdes lindos campos têm mais flores".

DIA TREZE!!!

Ah! Maravilha! O aniversário da Apparecida (assim mesmo, com dois pês) me traz de volta ao mundo. Tomo banho, respiro, telefono: "Parabéns, felicidades, qualquer dia vou aí comer amora. Claro, sei que o pé de amora ficou na outra casa, em outro quintal, há mais de um ano que vocês se mudaram, mas a vontade é grande, a saudade também e a vida sempre continua, não continua?".

Domingo, ainda bem. Fico quieta, em casa, no quarto. O telefone toca, me assusto. Nem uma vez pra mim, ainda bem. Meu pai ouve Luís Melodia na sala:

"Eu entendo a juventude transviada..."

Nada a ver comigo, ainda bem. Os barulhos todos me afastam, se afastam. Ainda bem.

Quatorze de novembro

Aniversário do Juá, pai do Caio, do Lucas e da Carolina.

Amanhã, quero acordar cedo e fazer boca de urna no meu colégio. Meu pai vota lá. Ano que vem é a minha vez. Presidente. Quero votar bem votado. Devagar, do meu jeito. Se ninguém estiver me olhando, sou até capaz de dar um beijo na cédula. Beijo emocionado, brasileiro. Por enquanto, minha emoção tá na torcida pelo meu partido, segredo bem guardado. Pela melhoria da minha mesada e da mesada de São Paulo.

Quinze de novembro de 1988

ELEIÇÕES.

A Lindaura não me sai da cabeça. Em quem será que ela vai votar? Outra coisa: Em quem será que ela votou, na Era Beatles, nos anos sessenta? Vai ver, no Jânio. Será que isso também está no livro? Nas entrelinhas que eu não soube ler?

Parece que hoje, nas urnas, o povo soube ler direitinho.

Digitalizado com CamScanner

Dezesseis, de manhã

Parece (só parece) mentira: Estamos ganhando!

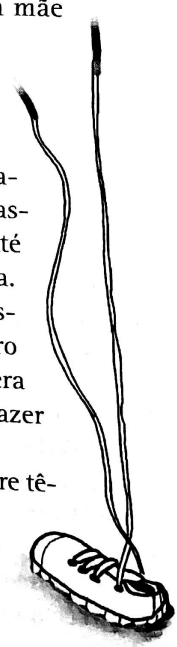
Dezesseis, à tarde

Fui na estante do Pedro, buscar o livro de volta. Não está mais lá.

Mesmo dia, à noite

Perguntei ao Pedro pelo livro. Emprestou ao *Mr.* Tênis. *Mr.* Tênis é o apelido do Zeca, nosso professor de Português. Ano passado, a gente leu uns livros indicados por ele. Cada aluno escolheu um. Lista grande. Ainda me lembro de alguns: *A vingança do timão*, de Carlos Moraes, *Pedro Pedra*, de Gustavo Bernardo, *O livro de Berenice*, de João Carlos Marinho, *Gavião de penacho*, de Ildeu Brandão. Eu me amarrei na história do *Gavião de penacho*, o pai tentando e não querendo matar, o filho tentando e não querendo ser cúmplice, a mãe sabendo tudo.

Teve um outro livro, *Suando frio*, de Vivina de Assis Viana, em que o aluno era apaixonado pela professora. Foi legal porque a gente ficou brincando de descobrir, na classe, quem era apaixonado por quem. Surpresas incríveis. Voltando ao assunto: esse aluno apaixonado só usava tênis. Até aí, nada demais. Nenhuma de nós usa outra coisa. Acontece que o Zeca, professor com letras maiúsculas, disse que não podia ser. Na época do livro (1964, Era Beatles, Era Lindaura), a turma usava era sapato mesmo. Tênis, só de vez em quando, pra fazer ginástica, e o nome era quédis.



Resultado: acabamos fazendo uma pesquisa sobre tênis e o Zeca, por quem muita garota da classe era (e é) apaixonada, ganhou o apelido e a certeza de que, todo ano, no dia 19 de maio, vai receber alguns invariáveis presentes de aniversário.

Digitalizado com CamScanner

Dia dezessete

Perguntei ao *Mr.* Tênis se encontrou alguma coisa fora de época no *Diário do Outro*. Disse que ainda está lendo. Por enquanto, camisolas e pijamas estão em ordem, nas gavetas certas.

Dia dezoito

Jornal da Tarde, São Paulo, 18/11/1988.

Meu pai tem razão: tudo que a gente imagina, até o impossível, pode acontecer. Acontece, acaba acontecendo.

Vou imaginar uma noite calma, aconchego, abajur quase apagando, camisolas, pijamas, eu, o Rafa, tons de verde.

Dezenove de novembro, 1988

Perguntei ao Pedro se ele usa camisinha. Me olhou, surpreso.

– Usa? – insisti.

– Às vezes, quando tenho medo.

– Medo de quê?

– De AIDS, claro.

Vinte

Perguntei a minha mãe se ela tem medo de AIDS. Tem. Um medo triste.

– Por quê, mãe?

Digitalizado com CamScanner

– Porque amor não combina com medo, filha. E o que é que você e todo o pessoal da sua idade têm ouvido dizer? Que o amor é perigoso, quase proibido. Isso não é triste?

Vinte e um

Maioridade do mês de novembro. Podia ser a minha.

Conversei com a Mônica. Ela continua dizendo que, a primeira vez, ao menos a primeira, queria que fosse sem camisinha. "Adianta, só uma vez?", pensei.

Vinte e dois

Aniversário do Domingo, amigo antigo. Dia da minha mãe anotar, no diário, que faz não sei quantos anos que o Kennedy morreu. Todo ano a mesma coisa.

Vinte e três

Pedi a minha mãe que tomasse café devagar.

– O que foi? – Ela me olhou, séria.

– Queria conversar um pouco.

– Algum problema?

– Não, acho que não. Dúvidas.

– Vamos lá, filha.

– Sabe, mãe, essa história de camisinha. Quanto mais leio, converso, mais confusa fico.

– Eu também ficaria.

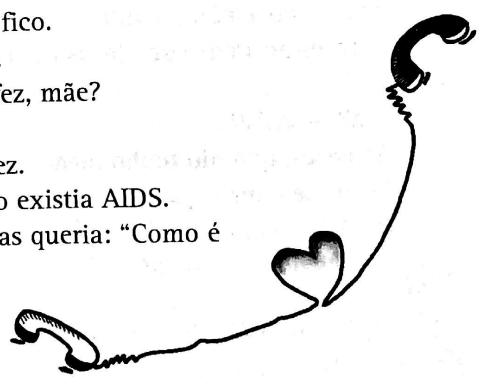
– Como é que você fez, mãe?

– Quando?

– Na sua primeira vez.

– Naquela época não existia AIDS.

Eu não perguntei, mas queria: "Como é que eu faço, mãe?".



Mesmo dia, à noite

– Oi, Teresa.

– Rafa! Bom falar com você.

Digitalizado com CamScanner

– Tá assustada?
– Não. Ansiosa.
– Bobagem, meu amor. Vai dar tudo certo.
– Será?
– Te juro.
– Um beijo.
– Outro.

Dia vinte e quatro

Ontem, quando eu disse "um beijo" e o Rafa correspondeu, me lembrei do meu outro namorado. Aquele que só dizia "obrigado". Sumiu do mapa, nunca mais escreveu. Nem eu. De vez em quando, releio as cartas. É sempre bom. Nunca mais telefonou. Nem eu. Não tem jeito de reler telefonemas. Por enquanto. Seguindo e segundo as teorias do meu pai, um dia os telefonemas terão entrelinhas superinteressantes. Parágrafos, parênteses.

Vinte e cinco, bem cedo

Sonhei com os dois. Num parque cheio de tons de verde. Darcy Penteado deve ter andado por lá. Eles conversavam, eu observava. Andavam, eu andava. Pararam debaixo de uma placa com nomes de várias ruas. Cheias de setas. Um queria ir pra um lado, outro pro outro. Acabaram indo. Fiquei debaixo da placa. Quando quis escolher meu caminho, os nomes das ruas tinham desaparecido. As setas também.

Vinte e cinco, ainda

Perguntei ao meu pai que curso ele seguiria hoje, se fosse escolher. Não saberia. Difícil, o país desse jeito. As coisas mudaram muito.

– E você filha, está sabendo? (Agora que estou escrevendo, percebo que estou cada vez mais parecida com minha mãe: falo uma coisa, mas as entrelinhas dizem outra. E o mais incrível é que meu pai sempre saca. Apesar de ele dizer que sim, a gente não é um mistério tão grande assim...)

Digitalizado com CamScanner

Disse que não.

– Posso ajudar?

Disse que sim. Ele me deu um beijo gostoso e disse que a gente conversa à noite.

Mesmo dia, à noite

Meu pai entrou no meu quarto, sentou na minha cama, me pediu pra abaixar o volume da fita do Sting: *"You can't control an independent heart"*.

– Você não gosta? – perguntei.

– Prefiro Willie Nelson.

Deixei o Sting cantando baixinho, sentei no chão.

– E então, filha?

– Mamãe te falou alguma coisa?

Fez que sim com a cabeça e disse:

– Sempre achei que esse dia fosse demorar.

– Como, pai?

– Sempre te achei tão menina. Parecia que você só ia morar aqui.

– Não estou de mudança, pai.

– Não. Mas está mudando, filha.

– Não vou embora.

– Você, não. A criança.

– Que criança, pai?

– A que você era. Aquela que eu não sabia que já é mulher.

Ouvimos um barulho de chave na porta da sala. Minha mãe chegava da PUC. Da minha porta aberta, vi quando pendurou a bolsa num cabide e, ainda de tênis, mergulhou no sofá, de bruços. Achei minha mãe com jeito de menina cansada.

Meu pai e eu nos olhamos: a gente não precisava conversar mais.

Dia vinte e seis

Nada como um dia depois do outro.

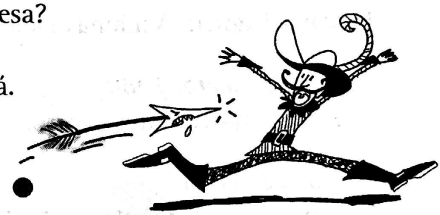
Digitalizado com CamScanner

Vinte e sete de novembro (aniversário da Fátima)
Depois do outro.

Vinte e oito
Depois.

Vinte e nove
Foram tantos os dias depois dos outros. Estou virando mulher, minha mãe quase vira menina cansada.

Trinta de novembro
Hoje, no elevador, um menino conversava com o pai, em tom de notícia:
– Você viu, pai, o que aconteceu com o Estácio de Sá?
– O quê?
– Morreu com uma flechada envenenada na cabeça.
O pai riu. Quando saímos do elevador, minha mãe comentou:
– Bons tempos, não é, Teresa?
– Os de criança?
– Não. Os de Estácio de Sá.
– E a flecha envenenada?



Dezembro, dia primeiro, chove sem parar
Aniversário do Xuim. O garoto mais popular do colégio inaugura o mês, fazendo 13 anos. E avisa: pão integral (ele faz), só no ano que vem. Agora, tira férias, que ninguém é de ferro.

Dia seguinte
Converso com a Mônica, conto a história do menino com o Estácio de Sá. Ela acha graça, eu também. Por pouco tempo. Flechas envenenadas.

Digitalizado com CamScanner

Dia três

A gente vive num tempo de flechas envenenadas.

Quatro de dezembro

Diário da minha mãe: *"Minhas experiências me parecem pessoais e intransferíveis. Não sei se valem pra Teresa.*

P.S. Dois aniversários, amanhã: Marvy e Nilsinho".

Minha mãe não aprende. O ano tá acabando e ela continua colocando os aniversários em segundo lugar. Única pessoa, no mundo, que faz uma coisa dessas num diário.

Cinco de dezembro, calor incrível

O aniversário é dos amigos da minha mãe, mas quem ganha presente sou eu. Na hora do almoço, Pedro me entregou uma caixa:

– Mandaram pra você.

Por cima do pijama, dobrado com cuidado, um bilhete: "Eu, se fosse você, preferia camisola".

Misturada ao barulho do chuveiro, ouço a voz do Pedro, imitando Fagner: "A minha amada me mandou um bilhetinho...".

Seis de dezembro, 1988

Férias, quase. Nem acredito.

Sete de dezembro

Aniversário da Cristina, mãe da Fernanda, colega do Rafa. A Cristina tem a letra mais bonita que já vi. Li umas coisas que ela escreveu pra Fernanda. Eu, se fosse ela, escrevia sabe pra quem? Pro Gorbatchev. Acho que ele merece uma letra bonita. Vi na tevê e quase não acreditei. Na assembleia da ONU, ele, líder de um país superpoderoso, falando em perdão das dívidas dos países do Terceiro Mundo, em redução de tropas e de tanques em vários pontos do planeta, em paz mundial. Fiquei ouvindo, ouvindo e pensando: "Esse cara bem que podia ser brasileiro".

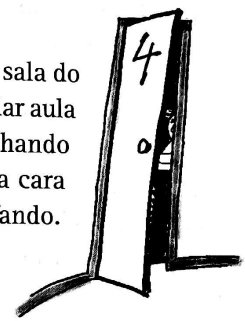
Digitalizado com CamScanner

Dia oito

Aniversário do Zé, ou Zeluiz, ou José Luiz Moura, um amigo de quem gosto pra valer (juro que não é por causa das caronas que ele vive me oferecendo e eu vivo aceitando...). Ele e a Lúcia, que também aniversaria hoje, vivem trocando redações, sei lá por quê. A Andrea, que não perde uma, fica só olhando, de longe.

Dia oito, de novo

Hoje, subi a escada. Tive sorte. A porta da sala do Rafa estava aberta. Ninguém tá conseguindo dar aula com a porta fechada. Calor, calor. Fiquei olhando o Rafa. Reparando. Analisando. Estudando a cara dele. Decorando. Traços, detalhes. Fotografando. Guardando. Querendo.



Dia nove

Acordei pensando no rosto do Rafa. Reparado, analisado, estudado, decorado, traçado, detalhado, fotografado, guardado, querido.

Peguei o telefone:

– Alô?

– Rafa? Tem agenda? Anota que te quero.

Desliguei.

Dia dez

Dose dupla: Clarete, Dorinha.

Domingo quente, preguiçoso. Meu pai e minha mãe foram ao clube, Pedro foi namorar. Fiquei por aqui mesmo. O telefone tocou. Era o Rafa.

– Teresa? Anotei.

Desligou.

Dia onze de dezembro

Diário da minha mãe: *"Primeiro domingo em férias. Tão bom. Vou comemorar vendo o Fernando, à noite. Aniversário dele".*

Digitalizado com CamScanner

Dia doze

Último dia de aula. Camisetas cheias de assinaturas e datas. Não esqueci ninguém.

A Glorinha estava indo embora quando viu a Mônica assinando na minha manga esquerda. Perguntei se ela queria assinar. A gente nunca tinha conversado. Só olhado, chorado, soluçado. Ela veio, pegou a caneta, perguntou onde eu queria. Pode escolher, eu disse. Escolheu as costas, bem no meio. Podia ter sido uma flechada. Foi quase um abraço.

P.S. Tá faltando a assinatura da Lindaura. Vou pedir ao Pedro.

Dia doze, à noite

O Rafa telefona:

– A camiseta ficou bonita?

– Linda.

– Você vai com ela amanhã?

– Você quer?

– Quero você. Estou com vontade de você.

Dia seguinte, treze, princípio da tarde

Tentei vestir a camiseta. Não deu. Impossível usar a mesma roupa dois dias seguidos, num calor desses. E ela não pode ser lavada. Os nomes desaparecem.

Imitei a Sonia. Abri o armário, analisei cada roupa, cochichei cochichos inconfessáveis, escolhi. Na frente do espelho, mil vezes me analisei. Me estudei, reparei. Primeiro, sem roupa. Depois, com. Tentando me saber de cor.

Na hora combinada, uma buzina. Voei na janela. Mesmo de um andar tão alto, não tive um pingo de dúvida: era ele.

Cruzei com minha mãe no elevador e disse: "Você tá chegando, eu tô saindo". Ela segurou um pouco a porta, me decifrando. Perguntou se eu não estava esquecendo nada.

– Por quê? – Apertei a caixa contra o peito. Tudo lá dentro.

– Por nada, filha. Bobagem. Perguntei por perguntar.

Digitalizado com CamScanner

Enquanto o elevador descia, ouvi minha mãe cantarolando alguma coisa.

Mesmo dia, no carro, a caminho

– Rafa?

– ?

– Andei conversando com minha mãe.

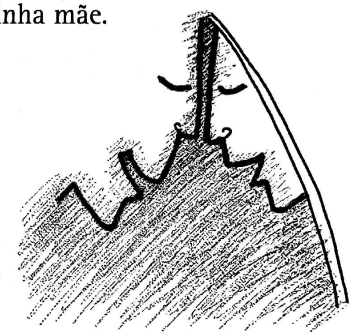
– Sobre nós?

– Sobre AIDS também.

– Você está com medo?

– Estou.

– De mim?



– Não, de você não, nem um pouco. Estou com medo de AIDS. Como é que nós vamos fazer?

– Eu faço como você quiser.

– A Mônica disse que a primeira vez, ao menos a primeira, ela queria que fosse sem camisinha.

– Você concorda com ela?

– Concordo, mas tenho medo. Acho que minha mãe tem razão: a gente ama, mas corre perigo.

– Um dia isso tudo vai passar, Teresa.

– Você acha?

– Tenho certeza.

– Gosto do seu otimismo, Rafa.

– Gosto da sua sinceridade.

– Conversar é legal, não é?

– Legal é você.

Mesmo dia, princípio da noite

Estou com a sensação de que fui a Fernando de Noronha e voltei. Cheguei de Roraima há umas duas horas. Se pudesse, tinha ficado lá no Amapá. Relaxada, espreguiçante. Deitada no ombro dele. Relaxado, sonolento.

Digitalizado com CamScanner

Mesmo dia, tarde da noite

Sabe de uma coisa? Fernando de Noronha pode ser ali na esquina, o Amapá pode ser visitado, basta uma chave, e em Roraima a gente ouve, com o maior carinho: "Anota que eu te quero".

Dia seguinte

Aqui no meu quarto, na minha cama, sozinha, o disco da Legião Urbana rodando – "Teu corpo é o meu espelho e em ti navego, e sei que tua correnteza não tem direção" –, cabeça lembrando, coração pedindo, corpo querendo, mordo a tampa da caneta, sem saber direito o que escrever.

Penso no dia de ontem. Na tarde de ontem. Nele, ontem à tarde. Em mim. Nós dois, ontem à tarde.

Meu pai e minha mãe quase só ouvem músicas caretas. Acabo aprendendo algumas. Hoje, uma delas me persegue: "Vou voltar, sei que ainda vou voltar" (Tom Jobim e Chico Buarque).

Dia dezesseis

(Aniversário do "menininho", que quer ser escritor, e que lê dia e noite, sem parar. Ele está no caminho certo. Minha mãe diz que é assim que a gente começa a escrever.)

Telefone!!!

– Alô?

– Tê?

Digitalizado com CamScanner

– Rafa?

– Meu amor, você esqueceu uma caixa no carro.

– Nem dei falta.

– Minha garota distraída.

– Você abriu a caixa?

– Claro que não.

– Podia abrir. Ia ser engraçado.

– Levo pra você amanhã, tá legal?

– Não precisa, Rafa. Essa caixa é da Lindaura. Vou só escrever um bilhete pra ela. Você entrega?

– Você tá amiga da Lindaura, Tê?

– Você leva o bilhete?

– Faço tudo o que você quiser, meu amor.

À noite, pensando na Carol e em como a gente dá voltas sem sair do lugar, escolhi um papel bonito, em tons de verde, e escrevi: "Lindaura, não precisei nem de camisola".

Dezessete de dezembro

Aniversário da minha avó. Me lembro do Fabiano, dizendo que pouca gente tem um avô como o dele. Mesmo sem entender direito o que ele quer dizer com isso, penso o mesmo da minha avó.

Ah, aniversário do Bias, que vive me ajudando nas redações. Ele escreve do jeito que eu queria escrever. Ainda chego lá, ainda decoro esse jeito dele. Meu pai não diz que o impossível acaba acontecendo? Pois então?

Dezenove

Cinema, com o Rafa: *Se meu apartamento falasse*. Filme antigo, preto e branco. Shirley MacLaine. A Carol andou lendo um livro dela, disse que é um barato.

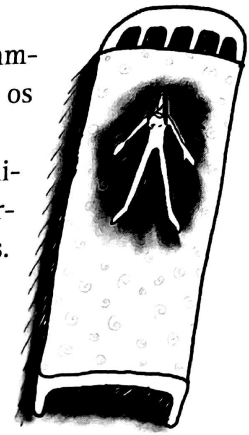
Dia vinte, de manhã

Encontrei um ex-colega na rua da Consolação. Cara legal. Tinha mania de levar chocolate pra gente. Lembramos velhos tempos, amigos. E nos despedimos até qualquer hora.

Digitalizado com CamScanner

Dia vinte, à tarde

Quase Natal. Vamos viajar, o Rafa também. Vou morrer de saudade. Em todos os lugares e momentos.



Tenho achado meu quarto grande, minha cama enorme. Os espaços que me cercam parecem aumentados. Multiplicados. Faltando gente.

Vinte e um de dezembro

Três aniversários: Filipe, Fernando, Raquel. Acho engraçado esse negócio de nascer no mesmo dia. Encontro marcado, parece.

Vinte e dois

Mais três encontros marcados: Renata, Dina, Beto.

"Vou voltar, sei que ainda vou voltar." Será que o Tom Jobim e o Chico amaram tanto quanto eu?

Vinte e três

Aniversário da Heloisinha, irmã do Marden. Aquele do café brotando na samambaia.

Amanhã, véspera de Natal, será o da Leda, que sorri com os olhos. Ela é bonita pra caramba. De roupa vermelha, então! Nem precisa ficar cruzando as pernas estrategicamente, feito a Lindaura.

Vou comemorar terminando este diário. Deixando a última semana morar "na memória dos olhos e do coração", como diz o menino do *Gavião de penacho*.

No aniversário da Ana, dia vinte e sete, devolvo o diário dela, comigo há tanto tempo. Diário legal, um barato. Com namorados e fatos que já se foram. Esta semana, um deles se casou.

Penso neste meu diário, com namorados e fatos de agora. E no do próximo ano, nascendo, quem sabe, ao meio-dia. Com o

Digitalizado com CamScanner

aniversário daquele cara dos chocolates. Sem ninguém morrendo de AIDS.

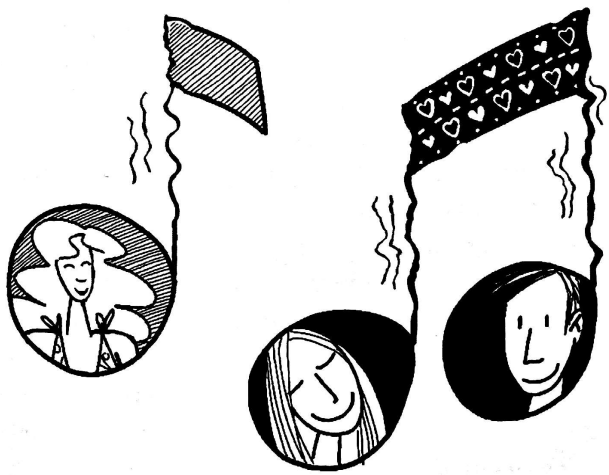
A partir de agora, sei o que minha mãe vai escrever nos diários dela, todo dia quatro de janeiro: *"Aniversário da morte do Henfil"*. Estou começando a decifrar o mistério. Não é tão difícil assim.

Está decidido: vamos viajar logo depois do almoço. Se pudesse, ficava. Relaxada, espreguiçante. Vou pensar o tempo todo nele. Relaxado, sonolento.

Minha mãe vai levar o diário. Até o fim. Vi que ele estava em cima da cama dela, entre bolsas e cintos. Perguntei: "Posso ver?". Respondeu: "Claro". Ela guardou o Milton Nascimento pro dia de hoje:

"Quero falar de uma coisa,
Adivinha onde ela anda?"

Mais abaixo, anotou:
"Essa música me lembra a Lindaura".



Digitalizado com CamScanner

A autora

Cada vez sei menos quem sou, o que dificulta essa apresentação em primeira pessoa, pedida pela editora.

Talvez eu seja um pouco de cada uma das personagens que fui inventando por aí, desde o primeiro livro, em 1977. Ora um menino que se descobre um corpo humano, ora uma menina que brinca de pensar na escuridão, ora um casal de irmãos que coleciona cacos de louça e de vida, ora um adolescente que muda o corpo de cidade, sem saber como fazer com o coração, ora uma adolescente às voltas com um diário, ora outra adolescente (não seria a mesma, apenas com outro nome?) às voltas com cartas para outro adolescente...

Ainda que não saiba direito quem sou, e apenas consiga ter vagas e confusas noções de quem ainda possa vir a ser, sinto que minhas raízes rurais sempre falaram alto. A visão de vacas pastando, ou de arco-íris colorindo ainda mais o céu, me emociona de maneira especial, embora ainda não tenha escrito nenhuma história de vaca com os olhos voltados para o alto, tentando decifrar o indecifrável, enquanto, tranquila, rumina...

Digitalizado com CamScanner

Procurei ser uma filha serena, tento ser uma mãe razoável. Três filhos adultos, paulistanos, criados em apartamento, mas entrando em contato com vacas e arco-íris sempre que foi possível. Fiz minha parte. Hoje, eles têm a maior paciência em me reensinar, cada vez, tudo o que esqueço na hora de usar o computador: colar, anexar, editar, deletar, selecionar, enviar, voltar, formatar, arquivar, salvar, não são coisas demais? Têm a maior paciência. Fazem sua parte.

Ganhei alguns prêmios literários, tenho textos traduzidos em lugares engraçados: Japão, Polônia, Holanda. Com tantos lugares mais próximos, por que será que fui parar tão longe?

Em 1989, ganhei o Prêmio Jabuti com *O mundo é pra ser voado* (Editora Scipione), o tal que conta a história do adolescente que não sabe o que fazer com o coração, ao se mudar de cidade. Eu também não saberia, talvez porque não sejamos de lugar nenhum, sendo de todos os lugares.

Escrever é bom. Ouvir música? Muito melhor. Ler também, muito melhor. Menos os próprios textos. Nunca releio os meus, e me esqueço deles com facilidade.

Quando convidada para alguma palestra, corro à estante, pra saber responder sobre os pedaços de mim: Ana, Teresa, Mariana, Xuim, Rafa, Pedro, Bernardo, Marden, Fabiano, Tiche, Crispim – tudo e todos pedaços de mim. Frequentemente eles se encaixam uns nos outros, peças de quebra-cabeça. Deixo-os assim, ligados, como se tivessem vida própria. E têm. Como se soubessem de mim. Sabem.

Vivina de Assis Viana

Digitalizado com CamScanner

Entrevista

Enquanto escreve em seu diário, a jovem Teresa tenta conhecer melhor o mundo a seu redor e a si mesma, registrando suas descobertas cotidianas no decorrer do ano de 1988. Que tal agora descobrir mais sobre a autora deste livro e suas inspirações para criá-lo?

Sabe de uma coisa? tem como pano de fundo acontecimentos históricos que, aos olhos de Teresa, marcaram o Brasil e o mundo, no período em que ela escrevia seu diário. Como autora, qual foi a sua intenção, ao decidir por esse caminho?

• Quando, em 1988, Sonia Junqueira, editora de literatura da Atual na época, me acenou com a possibilidade de escrever o diário de uma adolescente, fiquei fascinada. Comecei a imaginar a personagem: paulistana, classe média, irmão (mais novo ou mais velho?), pais, professores, colegas, amigos, confidentes, inimigos, namorados, rivais, ídolos, nossa! Quanta gente em volta dessa garota! Continuei: rua, casa, quarto, banheiro, colégio, cinema, teatro, parque, *shopping*, nossa! Quantos lugares nas voltas dessa garota! Fui mais a fundo: risos, lágrimas, músicas, viagens, férias, eleições, AIDS, camisinha, nossa! Quantas voltas na vida dessa garota! Quanto mais a personagem se delineava, mais eu intuía que ela seria uma jovem de seu tempo, e este era o tempo de seu diário, 1988. Natural, portanto, que os acontecimentos de então, gerais e particulares, surgissem a cada página, rápidos, entrecortados, às vezes apenas um registro.

Digitalizado com CamScanner

NESTA OBRA, "REALIDADE" E FICÇÃO SE MISTURAM, POIS PESSOAS E FATOS DA VIDA DE TERESA COINCIDEM COM PERSONAGENS E ACONTECIMENTOS NARRADOS NO LIVRO QUE ELA ENCONTRA NO QUARTO DE PEDRO – *DIÁRIO DO OUTRO* –, ESCRITO TANTOS ANOS ATRÁS. O QUE VOCÊ PRETENDEU COM ESSA BRINCADEIRA?

• Pretendi exatamente isso, brincar. Brincar com a mistura de presente, passado e futuro; ficção e "realidade". Confesso que não percebo muito bem – nem muito mal – quais são suas diferenças, ou limites. Frequentemente, me flagro – no presente ou no passado? – acreditando na ficção e duvidando da realidade. Mais ainda: certa de que a ficção *é* a realidade. Natural, portanto, que minhas personagens se perguntem quem são, por onde andam, se é que andam, e pra onde vão, se é que vão. Devo dizer ainda que, quando Sonia Junqueira me sugeriu escrever o diário de uma adolescente (o futuro *Sabe de uma coisa?*), ela também sugeriu ao escritor Ronald Claver que escrevesse o diário de um adolescente (o futuro *Diário do Outro*). Como iniciamos nossas tarefas na mesma época, Ronald e eu chegamos a pensar em criar personagens comuns às duas histórias. Experiências e conflitos, cruzados e divididos, poderiam – quem sabe? – nascer em um diário e crescer no outro. A ideia, tão boa, perdeu-se por minha causa. Ronald, metódico, escrevia regularmente e me enviava os capítulos pelo correio. (Em 1988, ainda não havia *e-mails*.) Quanto a mim, caótica, escrevia e não lhe enviava os textos. Ou, pior ainda, nem escrevia... O resultado foi que li o *Diário do Outro* inteiro, sem nem chegar a escrever a metade do *Sabe de uma coisa?*. Devo ter saído ganhando, porque pude colocar minha personagem, Teresa, lendo a história de Carlinhos – personagem principal do livro do Ronald –, ambientada nos anos 1960. O resultado, surpreendente até pra mim, me permitiu, como já disse, brincar não apenas com as palavras, mas sobretudo com o tempo e com algumas personagens. Carlinhos, por exemplo, vive lá, nos anos 1960, e cá, em 1988. E Lindaura, a filha da costureira, que importei do livro do Ronald, quase se apossa de meu diário inteiro...

Digitalizado com CamScanner

TERESA, QUE INICIALMENTE VIA SUA MÃE COMO UM GRANDE MISTÉRIO, AOS POUCOS PASSA A COMPREENDÊ-LA MELHOR, TALVEZ EM DECORRÊNCIA DO PRÓPRIO AMADURECIMENTO. VOCÊ DE ALGUMA MANEIRA SE ESPELHOU NA PRÓPRIA ADOLESCÊNCIA, PARA CONSTRUIR A RELAÇÃO ENTRE TERESA E SUA MÃE?

• Quem dera! Minha adolescência foi vivida, em sua maior parte, em um internato de freiras, onde só se rezava, estudava e silenciava!

VOCÊ ACHA QUE O DIÁRIO APRESENTADO NESTA OBRA SERIA DIFERENTE, SE TIVESSE SIDO ESCRITO POR UM RAPAZ?

• Sem dúvida. Por mais que eu tente ser democrática, liberal, ou o que for, meus pré-conceitos fazem parte de minha formação, de minha história. Menino é menino, menina é menina. O ano, 1988, seria o mesmo, os fatos (AIDS, músicas, transas, etc.) também, mas quem me garante, por exemplo, que esse menino se interessaria, como a Teresa, pela leitura e pelas tramas do *Diário do Outro*?

COMO FOI PARA SEUS FILHOS, QUANDO CRIANÇAS, TER UMA MÃE QUE ESCREVE LIVROS INFANTOJUVENIS?

• Acho que foi – e é – muito legal, talvez mais pra mim do que pra eles. Criança ensina todo dia, só não aprende quem não quer. Eu quis. Quando escrevi *Sabe de uma coisa?*, minha filha tinha 15 anos. Ela não é a Teresa, mas ensinou minha personagem a ouvir Titãs, Legião Urbana, a sonhar com o *show* do Sting. No dia desse *show*, minha filha foi lá, de verdade, o fotografou e revelou a foto que, meses mais tarde, apareceu no diário de Teresa... Escrever um livro é brincar, sim. Brincadeira séria, com hora e lugar marcados. Com princípio, meio e fim. Ler é brincar também. Brincadeira séria, em qualquer hora ou lugar. Só com princípio e meio. Ler é brincadeira eterna, sem fim.

Digitalizado com CamScanner

"*Dia 28*

Aniversário da Norminha.

Uma vez, em 1986, ela escreveu assim, no meu diário: 'Teresa, às vezes penso em me tornar mais agressiva, já que estou num mundo agressivo. Mas, quando encontro criaturas como você, que conseguem conservar a pureza no meio de tanto baixo-astral, dou uma repensada na vida e chego à conclusão de que vale a pena preservar nossa integridade'."

Quem sou eu? Quem eu quero ser? Quem eu quero que os outros vejam como sendo eu? Quem os outros querem que eu seja? Quem são os outros? Quem eu quero que os outros sejam? Em *Sabe de uma coisa?*, Teresa adolesce e registra tudo em seu diário: ela procura e é procurada, experimenta por conta própria e é acossada por tantas perguntas que não querem se calar...

Leia também, de Vivina de Assis Viana:
Ana e Pedro (juvenil)

ISBN 978-85-99095-93-5